



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Comunicação Social – Jornalismo

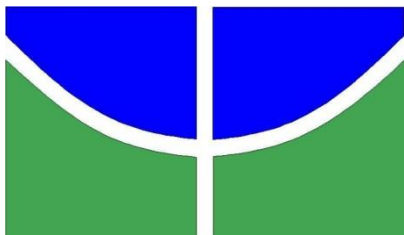
Orientador: Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

A roupa da presidente: uma análise de comunicação pelas vestes

Karla Beatriz Barbosa de Oliveira

Brasília/DF

Novembro de 2015



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Comunicação Social – Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

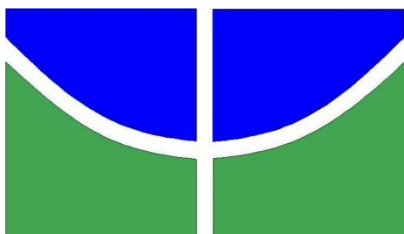
A roupa da presidente: uma análise de comunicação pelas vestes

Karla Beatriz Barbosa de Oliveira

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob orientação do professor Wladimir Ganzelevitch Gramacho.

Brasília/DF

Novembro de 2015



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Comunicação Social – Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

Membros da Banca Examinadora

Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho
Orientador

Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Busato
Membro

Prof.^a Dr.^a Dione Oliveira Moura
Membro

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago
Membro Suplente

OLIVEIRA, Karla Beatriz Barbosa de

A roupa da presidente: uma análise de comunicação pelas vestes

Orientação: Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

81 páginas

Projeto Final em Jornalismo – Departamento de Jornalismo –

Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília

Brasília, 2015

Palavras-chave: comunicação, moda, política, vestes, Dilma Rousseff

A Deus, Nossa Senhora das Graças e à vó Ana

Agradecimentos

Aos meus pais, que sempre me deram suporte e apoio, seja econômico ou emocional, para lutar por meus objetivos.

Aos meus irmãos Léo, Querida (Anna), Xuxu (Lud) e Samuel, por toda paciência, companheirismo e carinho em todos os momentos da vida.

Aos picotuxos da titia Lucas Gabriel, Anna Luisa, Daniel e Miguel.

Aos meus familiares e padrinhos por todo amor, incentivo e por me ajudarem a crescer na minha caminhada.

Aos meus amigos pra toda vida por acompanharem cada nova decisão e me incentivarem todos os dias. Em especial, Andressa, Bia, Bruna, Claudinho, Cesinha, Dani, Dea, Gleyce, JP, Mari, Marisa, Pedro, Samanta, Tika; incentivadores diários de cada mudança.

Aos amigos que o jornalismo me trouxe: Nina, Alê, Carol, Tai, Laurinha, Mari, Weldson e Schuabb. Agradeço ainda as conversas e risos virtuais, em especial aos grupos Magic Umberto, ao G7, Cafofo, Super Girls, Girls e #hashtag.

Ao Claudio e à Regina por toda a confiança e possibilidades de crescimento. Às Birutetes por momentos de aprendizado e alegrias.

A todos os profissionais que proporcionaram grandes lições nesta caminhada chamada jornalismo, principalmente aos colegas de Ministério Público do Trabalho, da Record, da Rede Globo e do programa Costume.

Aos professores do curso de jornalismo, que contribuíram para meu crescimento acadêmico, em especial a Renata Giraldi, primeira culpada por me mostrar o mundo do jornalismo; a Nélia Del Bianco que instigou meu crescimento com cada crítica construtiva; aos professores Sérgio de Sá, Suzana Guedes e Paulo Paniago pelas discussões e ensinamentos acadêmicos; às professoras Claudia Busato e Dione Oliveira por me incentivarem na pesquisa de moda na área de comunicação e ao meu orientador Wladimir Gramacho por acreditar em meu projeto e me incentivar a cada nova etapa.

RESUMO

Este trabalho pretende, a partir da moda e da política, estudar como a indumentária desenvolve uma narrativa e formas de expressão da presidente da República Dilma Rousseff na sociedade, além de discursos associados à construção de uma identidade, mais especificamente no ambiente político. A história da moda e determinados códigos da indumentária desenvolvem sistemas de estruturação de um diálogo pelo simbolismo e recortes dentro de contextos sociais. Ao longo do trabalho serão desenvolvidas análises que possam evidenciar a influência de acontecimentos históricos na escolha das vestes do ator, neste caso da presidente Dilma Rousseff. Esses recortes temporais tornam capazes as percepções e transformações dos acontecimentos como interferências nas escolhas individuais de fala da presidente, mas com a perpetuação de uma comunicação coletiva. Após demarcar os principais acontecimentos que alteraram o curso do governo, a proposta é investigar como a prática destas escolhas afeta o modo como a presidente se comunica pela escolha de suas vestes. Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é ilustrar que as escolhas das roupas da presidente são feitas como forma de comunicação, e mostra que é um ato de expressão individual, mas com um discurso para o coletivo.

Palavras-chave: comunicação, moda, política, vestes, Dilma Rouseff

ABSTRACT

This work wants from fashion and politics study how clothing develops a narrative and expressions of president Dilma Rousseff in society, as well as speeches associated with building an identity, more specifically in the political environment. The history of fashion and certain codes of dress develop structured dialogue by symbolic systems and cuts in social contexts. Throughout the work analyzes will be developed that can show the influence of historical events in the choice of actor's robes, in this case the president Dilma Rousseff. These temporary cuts become capable perceptions and transformations of events as interference in the individual choices of the president speaks of, but with the perpetuation of a collective communication. After demarcating the major events that have altered the government's course, the proposal is investigating how the practice of these choices affect how the president communicates by choosing his clothes. Thus, the main objective of this research is to illustrate that the choices of the president of the clothes are made as a means of communication, and shows that it is an act of individual expression, but with a speech to the collective.

Keywords: communication, fashion, politics, clothes, Dilma Rouseff

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Presidente Dilma Roussef – site da presidência _____	23
Figura 2: Chefe de governo alemã Angela Merkel – site wikipédia _____	24
Figura 3: política americana Hillary Clinton – site wikipédia _____	24
Figura 4: ex-presidente argentina Cristina Kirchner- site wikipédia _____	26
Figura 5: presidente chilena Michelle Bachelet - site wikipédia _____	26
Quadro 1: Quatorze leituras não verbais não verbais (JONES, 2005, p.35)	28
Quadro 2: Correlação entre cores e seus significados (HELLER, 2013, P. 17-289) _____	30
Figura 6: Posse da primeira presidente do Brasil (01/01/2011 e 02/01/2011) – site da presidência _____	47
Figura 7: Presidente Dilma Rousseff durante o julgamento do mensalão (02/08/2012 à 06/08/2012) – site da presidência / G1 _____	47
Figura 8: Presidente Dilma Rousseff durante o agravamento das manifestações populares (16/06/2013 à 20/06/2013) – site da presidência / G1 _____	47
Figura 9: Presidente Dilma Rousseff durante a Copa do Mundo (12/06/2014 à 16/06/2014) – site da presidência / G1 _____	48
Figura 10: Presidente Dilma Rousseff durante as eleições de 2014 (05/10/2014 à 09/10/2014) – site da presidência / G1 _____	48
Figura 11: Presidente Dilma Rousseff durante a posse da reeleição (01/01/2015 e 02/01/2015) – site da presidência _____	48
Figura 12: Presidente Dilma Rousseff durante o ajuste fiscal (08/03/2015 à 12/03/2015) – site da presidência / G1 _____	49
Quadro 3: Resultados da análise feita nas imagens dentro de contextos sociais _____	54
Figura 13: O uso do vermelho durante as eleições 2014 – site da presidência e G1 _____	55
Figura 14: O vermelho cede espaço para cores mais neutras, branco e azul – site G1 _____	56
Figura 15: O uso do branco para começar seu governo – site da presidência	58
Figura 16: Depois do branco, o preto para o primeiro compromisso como presidente da República – site da presidência e G1 _____	60

Figura 17: A escolha do rosa para a posse da reeleição. A filha usa o tradicional vermelho partidário para acompanhar a presidente – site da presidência	61
Figura 18: Primeiro compromisso oficial do segundo mandato – site da presidência e G1	64
Figura 19: O vermelho dá espaço aos tons mais neutros – site da presidência	65
Figura 20: O laranja ganha espaço nas vestes da presidente – site da presidência	66
Figura 21: A tradicional com do partido dos trabalhadores ainda aparece durante o julgamento do mensalão – site da presidência	69
Figura 22: O roxo e sua variação ganham destaque neste período – site G1	70
Figura 23: A neutralidade do preto também aparece dentre as escolhas da presidente – site da presidência	70
Figura 24: O azul ganha destaque no período crítico das manifestações – site da presidência	72
Figura 25: Outro tom que ganha visibilidade é o roxo – site G1	73
Figura 26: A neutralidade do bege também é percebida como escolha da presidente – site da presidência	73
Figura 27: Do verde ao azul claro foram as escolhas para o período do ajuste fiscal – site da presidência e G1	75
Figura 28: A neutralidade do preto também é destaque durante o ajuste fiscal – site da presidência	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. MODA E POLÍTICA	15
1.1. O VESTUÁRIO	19
1.2. VESTES E COMUNICAÇÃO	21
1.3. MODO DELE, MODA DELA	22
2. VESTES E SIGNIFICADOS	28
2.1. VESTES, SIGNIFICADOS E IDENTIDADE	32
3. METODOLOGIA	35
3.1. APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DAS VESTES	36
3.1.1. Moldes e formas	37
3.1.2. Cores	39
3.1.3. Cada pano, uma textura	40
3.1.4. Mais que complementos	42
3.1.5. Contextos	43
3.1.6. Fonte	46
3.2. RESULTADOS DA CLASSIFICAÇÃO	46
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
4.1. UM BRASIL DIVIDIDO EM VERMELHO E AZUL	54
4.2. DILMA, POSTURA E DISCURSO	57
4.3. DILMA, REELEITA	61
4.4. NÃO VAI TER COPA	64
4.5. PESOS E MEDIDAS	67
4.6. DAS REDES PARA RUA	71
4.7. SOB MEDIDA	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

INTRODUÇÃO

Através de ideias e conceitos utiliza-se das vestes para tapar os buracos dos desejos, caprichos e vontades humanas. Devemos observar que a roupa pode propiciar mudanças na vida de quem a veste. Assim, o indivíduo tem que perceber que a roupa é o reflexo da vida e a escolha dela se constitui principalmente pela ritualização e representação da vida cotidiana, possuindo uma complexidade infinita e a eficácia visual na comunicação.

Houve a tentativa de explicar e sintetizar a escolha da vestimenta como fenômeno profundamente individual e ao mesmo tempo coletivo, aproximando-a da objetivação da comunicação, essencialmente a de compartilhar informações de forma clara aos receptores. Ainda é permitido aos indivíduos que em suas inter-relações eles se convertam em símbolos reciprocamente, alterando inclusive as escolhas que os permeiam, como forma de expressão a determinado fato. Podemos, assim, utilizar a roupa para veicular mensagem sem a emissão de uma comunicação por palavras, com funções distintas como: informativa, expressiva, normativa e de interação social, como sugere Barnard (2003, p.80-106).

Nesta perspectiva, a pesquisa considera como ator a presidente Dilma Rousseff e, assim, estudam-se as formas de escolhas das vestes como respostas aos acontecimentos sociais dentro do seu governo. Nas bases de estudo com este tema, tem-se a monografia de Macarena Belmaña, *La construcción de la imagen del poder através del vestuário*: Cristina Fernández de Kirchner, que, como este estudo, se dedica a estudar as influências das vestes como forma de comunicação de uma presidente.

Em busca de uma narrativa que pudesse explicitar a importância da roupa como forma de comunicação de quem a carrega, foi escolhido, inicialmente, o conto *A nova roupa do imperador*. Não se deseja traçar um paralelo sobre o conto e a análise, mas a ideia é a de que podemos desnudar quem a veste, como é referenciado no conto de Hans Christian Andersen. Por isso teríamos a ideia de uma nova roupa para a presidente, mas no sentido de

que a cada aparição ela estaria nua ao ser analisada, como indicou a criança no conto.

O indivíduo sempre mostrou a necessidade de se comunicar e se distinguir do outro e na pesquisa as vestes são apontadas como núcleo desta intenção. Para tal, é preciso compreender ainda que a construção da comunicação pelas vestes é essencial ao indivíduo e não só uma intenção superficial. E para direcionar o estudo foi escolhida a forma de comunicação feita pela presidente da República.

A partir disso, o tema se justifica, principalmente, mostrando as inferências sociais que cada escolha resulta, a capacidade da comunicação pelas roupas e como elas servem de instrumento na interação da presidente com o coletivo em determinados contextos.

Dentre os questionamentos que guiam a pesquisa é necessário que consigamos mostrar que a roupa seria a forma de contextualizar o diálogo/comunicação causal das escolhas. Basicamente três perguntas norteiam este trabalho: 'Como as vestes servem para estruturar a comunicação?', 'Quais são as escolhas das vestes da presidente em cada contexto?' e 'De que maneira o entorno influencia as decisões sobre as vestes?'. Além de delimitar pelas imagens a forma da comunicação pelas vestes, contextualizando os significados de cada item que possa interferir ou construir a fala do indivíduo.

O primeiro capítulo se dedica a descrever a moda e a política, situando seus processos em uma contextualização social, cultural e psicológica. Dividido em dois subitens, a primeira questão abordada é como a política e seu discurso exaltam sua relação com a cultura e sociedade, utilizando como base teórica autores como Lipovetsky (1999), Moratori (2002) e Dorfles (1984). Em seguida, é dedicado um segundo tópico à relação das vestes masculinas e sua representação pelas mulheres como processo de aceitação no mundo político, firmada em proposta dos autores, Laraia (2002), Schwartzberg (1978) e Fischer-Mirkin (2001).

O segundo capítulo contextualiza pensamentos e forças que norteiam as vestes e seus significados. O primeiro item dedica-se à abordagem da roupa como reflexo da identidade do indivíduo. Trata ainda de uma análise a respeito dos significados das vestes, além de correlacionar os acontecimentos e a roupa como extensão do ser.

No terceiro capítulo, são apresentados a metodologia e o processo desenvolvido para responder as questões centrais da pesquisa, além de ressaltar as abordagens dos capítulos anteriores. Dentro da estrutura de análise há a exposição de sete subitens, os quais se propõem a explicar os conceitos de modelagem/forma; tecido/textura; cor; acessórios; período/acontecimentos; fonte/corpus; resultado da classificação.

É preciso ressaltar a escolha dos acontecimentos ou contextos sociais, visto eles terem uma força de mobilização social dentro do governo da presidente Dilma Rousseff. O primeiro evento escolhido é a primeira posse, que retrata a mudança política, a eleição de uma mulher para chefe de governo. O segundo evento é o julgamento do mensalão, que altera o poder de punição aos crimes políticos no cenário brasileiro. O terceiro são as manifestações populares que mostravam a insatisfação com os mandos dos governantes. Já no quarto, têm-se a Copa do Mundo e as reivindicações da população, que contesta os contrastes entre os gastos exorbitantes e a falta de condições básicas à população. O quinto evento foi escolhido por retratar a disputa eleitoral mais acirrada dentro do cenário político do país. No sexto ponto analisado é possível retratar a posse da reeleição da presidente Dilma Rousseff e o sétimo, o ajuste fiscal que modifica o cenário econômico, com interferência também no cenário político e na população.

O quarto capítulo abarca explicações sobre cada fase escolhida para retratar a comunicação pelas vestes da presidente Dilma Rousseff, enfatizando a essência de cada recorte, mostrando as características mais marcantes e as atipicidades como reflexo da comunicação pelas vestes.

Por fim, as Considerações Finais sintetizam os capítulos anteriores, direcionando os resultados para responder as perguntas que nortearam esta pesquisa e com base nas análises em conferência com conceitos dos autores.

1. MODA E POLÍTICA

Ao analisar a moda, não estamos falando apenas das roupas ou vestes, mas de todos os elementos que fazem parte deste campo de ritualização. Todas as composições possíveis utilizando acessórios, roupas, cores, tendências, tecidos, enfim, tudo que é possível apontar como um sistema de expressão.

Algo importante a se fazer é compreender a diferença entre a moda, o vestuário e a indumentária, para que possamos assim perceber com clareza que a moda está diretamente relacionada ao *modus vivendis* do indivíduo, ao sistema e não apenas o fato de cobrir o corpo com peças de tecidos, como faz a indumentária ou mesmo o vestuário. Assim, temos:

A moda pode ser um bom ponto de partida para a análise. De início, porque ela está onipresente. Não há nenhum domínio que lhe escape: do mais frívolo àquele tido como o mais sério, encontra-se a necessidade de se identificar. Moda vestimentária, é claro, mas também modas culinárias, lingüísticas, musicais, esportivas. (MAFFESOLI, 1996, p. 341)

Já Lipovetsky apresenta que a

A moda é uma forma específica social, independente de qualquer objeto particular; antes de tudo, é um mecanismo social caracterizado por um intervalo de tempo particularmente breve e por mais ou menos ditadas pelo capricho, que lhe permitem afetar esferas muito diversas da vida coletiva (LIPOVETSKY, 1989, p.87)

A moda, então, constitui um sistema, uma possibilidade de que esses arranjos entre itens sejam transformados em um marcador social e não apenas um ato solto de se enfeitar. Pode-se compreender que ela tem correlação com os desenvolvimentos de aspectos que ressaltam a possibilidade de contextualizar ao mesmo tempo o individual e o coletivo.

... existe, ainda, o facto de a Moda não ser apenas um fenómeno frívolo, epidérmico, superficial, mas ser o espelho dos hábitos do comportamento psicológico do indivíduo, da profissão, da orientação política, do gosto... (DORFLES, 1984, p 13)

O reconhecimento do grupo ou para o grupo é função direta da moda. Não devemos apenas observar a cultura ou a moda de forma distinta, mesmo que haja prevalência de aspectos convergentes entre as duas, como a efemeridade. Devemos percebê-las como um sistema com significados, de pertencimentos e de adaptação ao meio.

Não são raros os relatos de que a roupa é usada para distinguir, separar, segregar os indivíduos em relação a outrem. Demarcar o lugar de cada um se torna a função intrínseca da moda. E esta função faz com que o indivíduo se coloque dentro de todas as possibilidades de representação social com múltiplas molduras, a partir do sistema classificatório e as formas como elas se desencadeiam. O resultado é a demanda pelas interações sociais com sua exterioridade na comunicação e na linguagem, na aparência, nos papéis sociais, no jogo, no rito e na dramatização e assimilação do cotidiano.

Através da moda conseguimos interpretar e compreender os momentos que se apresentam além de uma situação concreta, que se faz pela predisposição social a qual o indivíduo está alocado seja pelo individual, seja pelo coletivo.

Pensar a moda não requer apenas que se renuncie a assimilá-la a um princípio inscrito necessária e universalmente no curso do desenvolvimento de todas as civilizações, mas também que se renuncie a fazer dela uma constante histórica fundada em raízes antropológicas universais. (LIPOVETSKY, 1989, p. 23)

A condução da moda no dia a dia do indivíduo faz com que seu comportamento revele a interação com o mundo, sendo a principal ferramenta o exercício diário da observação e absorção das pessoas e de si, num contínuo processo de vivências e aprendizados. Ressalta-se que em estudos antropológicos, históricos ou mesmo sociais, as vestimentas e adornos foram

adotados com três finalidades: pudor, proteção, ornamentação, distinção e segregação também aceitos por Barnard (2003).

Com pesquisas e produções textuais foi possível perceber que o homem alterou seu modo de viver e até mesmo o de vestir seguindo a perspectiva que era necessária a cada nova realidade. Assim, o pudor pode ser apontado como a primeira forma de cobrir o corpo, como é percebida nos escritos bíblicos.

A segunda referência percebida em que podemos retratar a moda como alicerce ou ato de cobrir o corpo é a do indivíduo e a necessidade de proteção.

Desde o homem primitivo que, a princípio, envergava as peles para se proteger do frio e depois passou a usá-las como meio de se afirmar como bom caçador,... (MORATORI, 2002, p.22).

E nesta evolução e adequação de um corpus ao espaço permitido, conseguimos assimilar a terceira finalidade/função das vestes e a moda, que se colocam como forma de interação, adorno e mesmo ornamentação; capaz de fazer distinção, se comunicar, mas não deixa, por isso, de ter algum significado ou finalidade para cada nova ação do dia a dia.

... até as sociedades modernas, em que o homem explora a mensagem embutida no vestuário conforme finalidades várias, as roupas funcionam como um emaranhado de signos aptos a manifestarem uma informação. (MORATORI, 2002, p.22)

As escolhas não são neutras e muito menos inocentes, elas estão presentes em cada ato do indivíduo para que ele possa delimitar sua identidade. Segundo afirma Lipovetsky (1989), é neste ponto que as classes inferiores, em busca de respeito social, imitam as classes superiores para que possam se tornar pertencentes ou mesmo reforçar a ordem social desigual. A moda, então, pode se tornar um instrumento forçoso de diferenciação e autoafirmação dentro da sociedade.

As classes inferiores correm para imitar os outros que lhes são superiores, e estes, por sua vez partem em busca de algo novo que os diferencie (LIPOVETSKY, 1989, p.34)

Afinal, a relação de segregar e alocar dentro de cada classe é alimentada pelo tempo e por ideias que são delimitadas por cada acontecimento dentro da história da sociedade. Os acontecimentos alimentam a arte, a filosofia, a estética, a ética e até mesmo a política; tudo dentro de um conjunto de posturas e conceitos aceitos por uma maioria.

A escolha das vestes, dos candidatos ou de qualquer forma de posicionamento está diretamente ligado ao comportamento do indivíduo como agente de uma sociedade. As escolhas retratam a realidade dentro de um contexto histórico no qual o indivíduo vive ou mesmo espera se alocar.

Com uma forte definição de que a moda possui o reflexo do contemporâneo pela visão de quem a usa, que se diferencia de uma mera expressão de futilidade e é marcada por comunicar tudo que é indissociável ao indivíduo e seu universo social, os sujeitos validam informações e não se prendem a um só meio de atingir o seu objetivo; o da aceitação social.

Interpenetram-se ao processo da moda, temos o processo da política. É impossível dissociar um campo de estudo do outro. Nesta perspectiva não se pode captar a mensagem de que no processo de formação, evoluções e revoluções da sociedade, seja ela oriental ou ocidental, a moda ou mesmo as vestes não tenham tido papel de destaque na formulação do comportamento político de determinada sociedade.

Outro ponto de conexão entre os dois campos é dado pelo significado de política, segundo o Michaelis - Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (online):

po.lí.ti.ca *sf* (*gr politiké*) 1 Arte ou ciência de governar. 2 Artes ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados. 3 Aplicação desta arte nos negócios internos da nação (política interna) ou nos negócios externos (política externa). 4 Orientação ou métodos políticos: *Política* de

campanário. 5 Arte ou vocação de guiar ou influenciar o modo de governo pela organização de um partido, influência da opinião pública, aliciação de eleitores etc. 6 Prática ou profissão de conduzir negócios políticos. 7 Conjunto dos princípios ou opiniões políticas. 8 Astúcia, maquiavelismo. 9 Cerimônia, cortesia, urbanidade. *P. de campanário*: a que só vê os interesses locais. *P. econômica*: teoria e prática da direção econômica de um país. *P. de boa vizinhança*: política caracterizada pelo princípio de amizade, cooperação e não interferência nos negócios internos de outro país, principalmente país vizinho. *P. social*: conjunto dos princípios e medidas postos em prática por instituições governamentais e outras, para a solução de certos problemas sociais.

Assim, a disseminação, conceituação e pesquisa destes campos de estudo fundamentam-se por uma associação de informações, comportamentos e linearidade que sintetizam as ações produtivas e reprodutivas de ritos nas relações e inter-relações humanas dentro de uma sociedade.

1.1. O vestuário

Cortes, recortes, tecidos, cores, estruturas, comprimento, adornos são alguns dos tópicos que explicam os processamentos das coisas, ou da indumentária em determinada época. Para compreendermos a estrutura de uma sociedade não podemos dissociar seus hábitos de vestir da forma de se comportar, seja na cultura, no social ou mesmo na política.

Assim, fica claro que ao analisar as vestes podemos delimitar determinadas mensagens ou alocações em um período da história. O ato de cobrir o corpo está diretamente ligado à cultura e faz do homem um agente dentro de um cenário traçado pelos acontecimentos históricos. O traje pode ser reconhecido como uma resposta aos estímulos do dia a dia e o agente se torna um ator pronto a encenar e divulgar uma posição ideológica. Segundo Eco (1989, p.1), vestuário é comunicação. E complementa afirmando que o homem quando diz alguma coisa, prefere habitualmente dizer que, em vez de comunicar oralmente, ele exprime.

A roupa pode ser considerada como uma forma de comunicação articulada a determinado fato. O campo mais amplo da moda é considerado a comunicação, e a veste/vestuário é a linguagem em si. Deste modo, podemos

considerar que o indivíduo se comunica o tempo todo por gestos, escolhas de adornos e consideravelmente pelas suas vestes e seu universo; tudo inserido de forma muitas vezes involuntária, que antes de servir para algo, diz o quê. Isso é constante na vida em sociedade, ou seja, na cultura desenvolvida por determinado grupo.

A variante pode ser instituída por um determinado código preestabelecido dentro de uma subdivisão. (ECO, 1989, p.17).

Porque a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para indicar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para transmitir.

E nesta perspectiva, para compreender a mensagem que o indivíduo está transmitindo é necessário esmiuçar, talvez até operacionalizar de forma racional cada item da escolha e assim constituir o significado que a mensagem desejou emitir.

Precisamos compreender, ainda, que determinada peça pode ter sua mensagem alterada em detrimento da situação que ela está inserida. Com este direcionamento conseguimos encontrar o objetivo que norteia a pesquisa e a partir disso montar o protocolo de estudo de nosso objeto.

1.2. Vestes e comunicação

A roupa dialoga, explica para os outros a composição de alguém, e assim podemos criar um paralelo entre comunicação, roupa e política. Ao resolver e adequar a vontade humana na busca de significações, por exemplo, pode ser colocada em evidência por uma cor determinada ou até mesmo pela ausência de uma peça.

A visão originadora e determinante na vida do indivíduo carrega significados hoje como forma de orientações de aquisição e composições que ditam o que devemos ter, ser ou conquistar. Seria pueril acreditar que ao carregar cada escolha de itens da indumentária não estivéssemos carregando significados.

Infere-se destes conceitos que as escolhas das vestes qualificam o indivíduo para que sejam atendidas as necessidades de afirmação particular, mas sem desconsiderar sua necessidade de se colocar dentro de um grupo - definido por gênero, classe, ideologias e, inclusive, a política.

Ao assimilar concepções de outras civilizações por meio de escolhas vestuais, trazem-se os significados disseminados naquele ambiente, mas inserindo contextos locais para só depois constituir um verdadeiro significado ao usar aquela peça. Ao inserir um casaco com gola Mao, símbolo da opção política e filosófica chinesa, o indivíduo está socializando os conceitos impregnados na peça em seu cotidiano, mas também confronta a forma de governo que é praticado. Afinal, o comunismo contesta o capitalismo.

Para colocar as convicções, expressar a consciência, além de carregar a vontade de ser percebido por seus iguais e respeitado pelos opositores, o homem escolhe a composição visual indumentária. Esta articulação de itens carrega um significado totalmente particular dentro do contexto inserido.

Uma pessoa com uma peça vermelha pode inicialmente buscar um estímulo, pretende aumentar a estima ou dissemina uma ideologia centrada em princípios do socialismo, por exemplo. Apesar destes significados, ao escolher um vestido desta cor, a mulher não está construindo apenas uma significância

de partidarismo, ela pode disseminar o desejo de sedução, se a veste for construída com formas justas e decotes. O homem com uma calça neste tom emite a fala de modernidade, pois dentro do código visual, as calças vermelhas não fazem parte de um guarda-roupa tradicional masculino, mas do código do vestir de quem quer transgredir e enfrentar o que é estipulado. Um boné vermelho remete a movimentos sociais. Um sapatinho vermelho, segundo as tradições, simboliza proteção, sorte e felicidade.

Ao criar um diálogo com o mundo e para o mundo com suas escolhas, o indivíduo precisa compreender que uma peça, um acessório, uma cor de forma separada ou fora de um contexto delimitado tem uma interpretação e ao ser inserido dentro de uma conjuntura, este mesmo item pode ganhar um significado mais complexo.

O indivíduo pode, assim, utilizar-se da roupa para veicular mensagem sem a emissão de palavras, com funções distintivas, informativas, expressivas, normativas e interação social. Conforme afirma Ellwood (2000, p. 87):

É esse processo de tradução, interpretação e organização de tudo o que percebemos que nos permite entender o mundo e nos movimentar nele. A maneira como organizamos essas percepções baseia-se em sensações, agrupamentos e outras técnicas de construção de padrões.

Da mesma forma, o homem traduz visualmente por meio das roupas as transformações sofridas pelas sociedades, revelando em seus mínimos os detalhes de uma época. Cada escolha é a expressividade de um “eu” norteado por uma eficácia na comunicação e estetização do homem, das coisas e da sua relação com o presente.

1.3. Modo dele, moda dela

Não há como negar a importância da escolha das vestes na delimitação da imagem na vida pública dos cargos públicos eletivos e em seu diálogo com os eleitores. O estudo salienta que a escolha das vestes se transforma pelas

necessidades, sejam básicas, afetivas ou mesmo fisiológicas. No caso da política, a monografia busca apresentar uma percepção de que as funções são intrínsecas à ideologia do indivíduo e explicitadas pelas formas, cores em conexão com seu discurso.

Considerando que o indivíduo, mesmo em função política, seja símbolo da coletividade e transpõe-se na sintetização da ideia de quão o cotidiano molda o comportamento e expressão humana, articulada principalmente pela sensibilidade afetiva gerida em seu envolvimento com o captar diário, temos a compreensão de que o homem se desenvolve a cada nova realidade. A veste é uma linguagem e a política é comunicação



Figura 1: Presidente Dilma Rousseff – site da presidência

Os políticos são atores sociais e precisam se comunicar de alguma forma com seus expectadores. A sua imagem é construída e difundida a cada nova aparição. É importante compreender que “A política, outrora, era ideias. Hoje, são pessoas. Ou melhor, personagens. Pois cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel. Como num espetáculo”. (SCHWARTZENBRG, 1978, p.9).



Figura 2: Chefe de governo alemã Angela Merkel – site wikipédia

Ao pensarmos na esfera e força política, podemos traçar um paralelo com a indumentária. São duas áreas que envolvem seus atores em busca de distinguir e mesmo de se destacar frente às várias opções oferecidas. Lipovestky (1989, p.13) afirma que não conseguimos distanciar a ideia de eleitores da de consumidores ávidos por mudanças e cheios de expectativas. Os votantes acreditam nas emissões de fala dos candidatos, inclusive na emitida por composições visuais.



Figura 3: política americana Hillary Clinton – site wikipédia

Outro aspecto que determina e modifica o significado é o gênero de quem carrega a veste, segundo explica Moneyron (2007, p.43)

A calça, que se impõe definitivamente como peça central indumentária feminina nos anos 1960-1970, consagra a imagem de uma mulher que, tomando emprestado do homem seu traje, se apossa igualmente de suas prerrogativas profissionais e sociais.

Ele ainda ressalta que as classes sociais também identificam as oposições e podem conceber novos significados a cada peça. Como explica:

entre os homens, a separação para entre os operários e os empregados pela oposição entre o macacão e o avental, os mocassins e os sapatos sociais, e entre os executivos superiores e outras categorias socioprofissionais, pela oposição entre o terno e o macacão ou entre o mantô e a jaqueta de capuz. (MONEYRON, 2007, p.69)

A política, tradicionalmente um ambiente masculino, se vê cada vez mais invadida por figuras femininas. A ideia de força, sucesso e poder são necessários dentro deste ambiente, e tal perspectiva faz com que as personagens desta sociedade se modifiquem a fim de se tornarem bem vistas pelos expectadores e futuros eleitores. Sem muita saída, as mulheres veem apenas duas opções no armário: adotar as vestes masculinas para compor o visual ou assumir literalmente o lado feminino. A escolha está ligada ao comportar-se e refletir a estratégia na política.

As vestes masculinas são introduzidas no guarda-roupa das mulheres que aspiram este caminho, pois no processo da escolha das roupas podemos ressaltar as ligações com a política como a democratização do uso de determinadas vestes que antes não poderiam ser usadas por muitos.

A moda 'dele-para-ela', os ternos com cortes masculinos e a aparência masculina em geral podem fazer com que algumas de nós (mulheres) se sintam mais fortes e poderosas. (FISCHER-MIRKIN, 2001, p. 19)



Figura 4: presidente argentina Cristina Kirchner- site Wikipédia

Os consumos da indumentária e da política estão arraigados de valores constituídos pelas vivências do dia a dia na sociedade. Os contextos constroem a verdades, sejam pelos discursos ou pelas vestes que são carregadas.



Figura 5: presidente chilena Michelle Bachelet - site wikipédia

Afinal, o político, seja feminino ou masculino, procura por meio de suas vestes impor uma imagem de si que possa chamar atenção de seu público. As escolhas estão diretamente ligadas ao indivíduo como político, suas constituições e códigos. É através das roupas que o indivíduo se firma frente a

força política e a de um grupo. Uma identidade coletiva que simboliza o partido e as convicções.

2. VESTES E SIGNIFICADOS

As dominâncias de significados podem ser expressas por conceitos difundidos pelas visualidades dentro de uma época ou mesmo dentro de uma comunicação. Os significados são formas de dar sentido a determinadas coisas em relação ao que é produzido na história e cultura. São possibilidades definidas e impregnadas de tradições. O quadro apresentado por Jones (2005, p.35),

Masculinidade	Calça, gravata, ombros largos, tecidos pesados ou rústicos, roupas para atividades ao ar livre
Feminilidade	Saia, decote, cintura marcada, tecidos delicados
Maturidade	Roupas justas, tecidos transparentes ou com brilho, salto alto
Imaturidade	Roupas desestruturadas e soltas, blue jeans, modelagem ou estampas infantis, cores vivas, sapatos baixos
Dominação	Uniformes, tecidos desconfortáveis, ombros salientes, cor preta, couro, apliques de metal, chapéus largos e acessórios
Submissão	Tecidos pouco práticos, babados, cores claras, sapatos decorados
Inteligência	Óculos de leitura, meia-calça preta, cores escuras, pasta de documento
Conformismo	Roupas insípidas, peças de cadeias de lojas, vincos bem passados, cores discretas
Rebeldia	Vestuário e cortes de cabelo extravagantes, tatuagem, piercings, sapatos esquisitos (ou não sapatos)
Ocupação	Uniforme, ternos, roupas com acessórios de trabalho
Origem	Indicada por roupas da cidade ou do campo e vestimentas religiosas
Riqueza	Joias, roupas novas e limpas, caimento perfeito, etiquetas famosas, cores berrantes, roupas de pele, perfume
Saúde	Roupas e marcas de moda esportiva ou casual, cortes que revelam o corpo, silhueta esguia, tênis
Idade	Apego a estilo do passado

Quadro 1: Quatorze leituras não verbais (JONES, 2005, p.35)

Neste quadro é perceptível que cada escolha salienta este conceito de que existem juízos estabelecidos ao se tratar de visualidades e comunicação

pelas vestes. O autor, ao apresentar quatorze formas de fazer leituras visuais de uma produção de moda; permite ao leitor conhecer os conceitos pré-estabelecidos e a verdade inicial.

Desse modo, consideramos neste estudo as formas que podem trazer contribuição na leitura das imagens e complementar a ideia de que dentro de mudanças de contexto social, as vestes podem ser interpretadas de outra forma. É o que percebemos nos conceitos explorados por Umberto Eco (1989, p.19), que considera que muitas vezes a escolha de vestuário muda de significado segundo o contexto em que se insere.

Outro ponto que merece destaque é falar sobre as cores e as mensagens psicológicas e significados. Vale lembrar, ainda, que as associações das cores podem emitir um diálogo claro ou mesmo dicotômico à realidade ou contexto ao qual está inserido. Como apresenta HELLER (2013, p.17 - 289):

Cores	Mensagem simbólica
Amarelo	A mais ambígua das cores, uma das três cores primárias, instável, cor do otimismo, irritação, inteligência, maturidade, advertência, acidez, hipocrisia e da inveja
Azul	A cor predileta entre a maioria das pessoas; está ligado a todas as características boas. Não existe sentimento negativo que se ligue a cor. Cor da simpatia, da harmonia, da amizade e da confiança
Branco	Considerada a mais perfeita das cores, é início, luz, ressurreição, do bem, da perfeição, da honestidade, absoluta, tranquilidade, passividade. Limpeza, a pureza ao fundo, do imaculado
Marrom	A cor mais rejeitada, instintivamente negativa, desdenhado, feio, desagradável, preguiça, da burrice. Também é a cor do aconchego, do sabor mais forte, do antiquado, falta de refinamento, dos pobres, amor secreto, de pulgas, nacional-socialismo alemão, do pequeno-burguês
Laranja	Por ser formada do vermelho e amarelo, o laranja tem sua simbologia em muitas contradições, tendo ligação com as duas cores. Uma cor exótica, da sociabilidade,

	controversa, mas não convencional, inconformistas, transformação, do perigo
Violeta	Uma cor mista, com sentimentos ambivalentes, hematomas, violência, cor do poder, é a união da sensualidade e da espiritualidade. Da penitência e da sobriedade, da vaidade e dos pecados da beleza, da última tentativa
Vermelho	A mais antiga de todas as cores. O vermelho é a cor de todas as paixões – do amor ao ódio, a cor dos reis e do comunismo, a cor da felicidade e do perigo. É a cor dominante de todas as atitudes positivas em relação à vida, força, da liberdade, dos trabalhadores, do socialismo, das correções, da redução
Verde	Nem bom, nem mau. Da natureza, natural, símbolo da vida, tudo que cresce, da fertilidade, da esperança e da burguesia, o verde sagrado e o verde venenoso
Rosa	A cor que não tem nada negativo. Cortesia, amabilidade, sensibilidade, sentimentalidade, virtudes. Doce e delicado, chocante e kitsch
Ouro	É dinheiro, sorte, luxo. Raro, da felicidade, da bem-aventurança, da fama, da verdade, deslumbramento, ostentação, decorativa, regras douradas da vida
Cinza	A cor sem caráter, de todos os sentimentos sombrios, inamistoso. Do terrível, do cruel, insensível. Do esquecimento, do passado, dos pobres, da modéstia, dos inferiores, do grosseiro, do tédio, do antiquado e da crueldade
Prata	Sempre comparada ao ouro. A mais veloz das cores, gigante, precioso prático, marcas e falsificações, distante e fria, límpida, clara e intelectual. Da velocidade, do dinheiro, da Lua
Preto	Ausência de todas as cores. Sem possibilidades, fim, amor em ódio, sujeira, do mau. Da individualidade, do poder, da violência, da morte, cor da negação e da elegância, ilegalidade, anarquia. Apertado, desajeitado, duro, pesado

Quadro 2: Correlação entre cores e seus significados (HELLER, 2013, P. 17-289)

Com o objetivo de conseguir detalhar a dinâmica da escolha das roupas da presidente Dilma Rousseff, a presente pesquisa definiu um protocolo de

análise onde foram detalhados os principais itens usados para a composição da produção de uma apresentação pelas vestes. Sendo assim, será necessário explicar cada item que compõe este material, inclusive os acontecimentos que influenciam as transformações das escolhas.

Porque a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir. (ECO, 1989, p. 17)

Afinal, no curso da história, os relatos nos mostram que as vestes conseguiam diferenciar castas e classes; o feminino do masculino. Se considerarmos a função das vestes, ela continua a mesma de antigamente a de conceder ao indivíduo o papel dentro da sociedade. A diferença está na forma de se distinguir em grupo e do grupo. Antes era exclusivamente pela classe social.

Identificar imagens é compreender a visualidade, é assimilar como as comunicações são proferidas pela aparência e, assim, formular cada etapa da visibilidade de quem carrega determinada roupa. É nesta hora que conseguimos pensar em detalhes que informam a composição de um diálogo sem o som, mas com falas visíveis. E são estas escolhas, estas linguagens, que permitem que o indivíduo imprima a escrita, expandindo o encargo de ver e ser visto.

Para que possam ser feitas leituras intra e intertextual para a compreensão da moda individual e dos moldes coletivos, considera-se o indivíduo um ator contido em uma rede de significação que imprime a visualidade e, por consequência, a visibilidade. Esta dinâmica é organizada pelas percepções, interpretações e dinâmicas da sociedade.

Uma roupa é a representação sintética e simultânea de muitos acontecimentos pessoais e coletivos, econômicos, sociais e políticos. É uma cunha fincada no corpo da história que permite ser manejada com competências e sensibilidade, nela penetrar

e, a partir de seu interior, colher os elementos importantes de uma época e de um ambiente. (SORCINELLI, 2008, p.29)

Na tentativa de explicar e sintetizar o uso da roupa como fenômeno profundamente individual e ao mesmo tempo coletivo, destaca-se que somente pelo conjunto e combinações da cobertura e dos adornos que se consegue aproximar do cerne da comunicação e, assim, da capacidade de proferir uma linguagem composta por signos e códigos. Nos cortes, nas cores, modelagens ou mesmo em peças de uso restrito à determinada classe ou gênero temos elementos para a construção de um diálogo. Mas, temos que pensar como eles se articulam entre si para assim gerar o contexto do que podemos entender por vestes e seus significados.

Por estes complementos também estarem cheios de significados, compreendemos que a roupa e sua escolha são uma experiência compartilhada de ideias, sonhos e do imaginário social, fundados no cotidiano ético e estético, político e econômico, multicultural de determinada sociedade.

Foi com estas associações que a sociedade evoluiu e com estas formas e comportamentos das vestes que o indivíduo conseguiu se proteger, suprir as necessidades, trabalhar a estima, se socializar, se realizar e, principalmente, se comunicar com o mundo e para o mundo. Não conseguimos desvincular estas funções de algo tão inerente ao nosso dia a dia.

2.1. Vestes, significados e identidade

Dentro do estudo é preciso ainda explicitar que a escolha das vestes está diretamente ligada à construção de uma identidade visual. Ao observar o contexto que sintetiza a relação do indivíduo na coletividade, consideramos que sua adequação ao meio é feita como resposta aos acontecimentos do cotidiano e planejado pela sua percepção afetiva e transformada em símbolos.

Com esta perspectiva é possível que o ator, neste caso a presidente Dilma Rousseff, escolha inclusive as vestes como forma de simbolizar o captar diário por respostas concretas e transmitir ao mundo sua interpretação.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam (LARAIA, 2002, p. 45)

E este processo de suplantar os acontecimentos e transformá-los em replicas é considerado a elaboração do que teóricos apontam como identidade. Segundo Berger (1986, p.113), identidade:

...não é uma coisa pré-existente; é atribuída em atos de reconhecimento social. Somos aquilo que os outros creem que sejamos (...) eu como o reflexo de um espelho.

Esta corrente teórica defendida por Berger não é feita de forma isolada. Corroborando com esta fundamentação temos Maynardes (2002, p.21):

a identidade é algo formado, ao longo do tempo, pelos processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ela permanece incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada.”

Seria no mínimo superficial apontar que identidade é apenas a localização social. O indivíduo, ao constituir essa personalização dos acontecimentos, condensa o modo de conhecer a essência, um interesse em estabelecer conexões, sistematizar ligações e restabelecer coisas presumivelmente distantes, pelo desejo e pelo poder.

Depreende-se destas argumentações que identidade não é unicamente o composto de respostas, vivências, sensibilidades e conhecimento intuitivo com que o indivíduo se posiciona dentro do coletivo ou sociedade, mas é uma condição, uma construção de conhecimento de distinção no mundo, inclusive pela escolha das vestes.

Outro ponto relevante é que não podemos limitar o indivíduo em tal identidade, pois ele se coloca de forma mais dinâmica que no passado, quando

os indivíduos tinham posições bem marcadas e específicas. Atualmente, o indivíduo pode se posicionar não somente para cumprir um papel determinado, mas acompanha as constantes alterações do mundo e constrói sua personalidade desta forma. Isto quer dizer que somos singulares e com construções plurifacetadas.

A concepção de identidade é claramente visível na escolha das vestes. É a condensação de ideias e propagação de ideologias ou mesmo adequação ao ambiente. Nesta revelação diária de conversão e comunicação de imagens e recepções, fundamentamos a linguagem simbólica formando a capacidade do viver do próprio ser e de tornar o conhecimento do conteúdo de nossas vivências por meio de atitudes e definição de ideias, conceitos, modos de viver e vestir. O vestir é a pretensão de encontrar a individualidade e a concepção do “eu”, seja para ele ou para outrem.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa é um estudo de caso onde se observa, por meio de imagens, no caso fotografias publicadas, a construção da comunicação pelas vestes da presidente Dilma Rousseff entre janeiro de 2011 e março de 2015, mais especificamente em recortes temporais marcantes nestes pouco mais de quatro anos de gestão.

Foi escolhido o site oficial da Presidência da República como fonte principal, tendo em vista ser um ambiente que retrata o dia a dia da presidente sem levar em conta os acontecimentos da sociedade e alguns jornais como fontes secundárias para suprir a falta de imagens publicadas dos períodos delimitados. A escolha se pautou em um corpus que pudesse mostrar de forma fidedigna os acontecimentos. Para desenvolver o estudo foram coletadas as imagens de cada recorte durante os meses de agosto e outubro de 2015.

O estudo não tem o intuito de julgar ser certo ou errado, real ou fantasioso, partidário ou não. A ideia na escolha dos recortes se deu pelas ações que com extrema força mobilizadora foram capazes de concentrar os pensamentos de aliados e opositores, se assim podemos chamar, para determinado fato e, dessa forma, a presidente emitir respostas por suas vestes e adornos.

Conforme anteriormente dito, o site da Presidência foi escolhido como corpus da pesquisa por documentar diariamente o cotidiano da presidente sem que haja interferência de comentários nas publicações. As publicações no site são acompanhadas de informações pelas legendas que possibilitam apenas a localização do fato e não a construção de um direcionamento de opinião por comentários.

Afinal, as publicações de imagens das roupas da presidenta proliferam de forma instantânea e por vezes vêm acompanhadas de legendas que transmitem interpretações e o captar de como determinado grupo se comporta e influenciam o debate público, construindo assim alterações e direcionamento da mensagem emitida.

Para desenhar esta pesquisa, focou-se em sete momentos durante o curso destes dois mandatos da presidente Dilma Rousseff, que foram considerados relevantes para a construção do período: posse, julgamento do mensalão, manifestações, Copa do Mundo, eleições, posse da reeleição e anúncio oficial do ajuste fiscal, que ocorreu no dia 8 de março de 2015.

A análise foi composta da seguinte forma: após serem escolhidas as bases de análise, decidiu-se por recortes temporais que pudessem retratar o objetivo da pesquisa e, assim, foi detectado que seria necessário delimitar também o tempo de publicação a ser observada após cada recorte, sendo definida a observação pelo período de dois ou cinco dias seguidos a cada evento escolhido.

Na pesquisa procurou-se operacionalizar a comunicação pelas vestes em um panorama político. Nesse sentido, identificar a construção de identidade, de imagem, de poder, mensagens emitidas pelas roupas/cores a cada divulgação em contextualização com os fatos apresentados, e, assim, verificar nas publicações se as escolhas foram reativas ou proativas.

3.1. Apresentação da análise das vestes

A moda é composta por mudanças sucessivas e inovações que permitem a expressão efetiva pelas formas, volume, materiais, textura, cor; pelo conjunto tão característico da construção de uma linguagem. É um campo mediado pelas descobertas, composição e utilização de recursos que compõem o reflexo direto de uma força mobilizadora, que chama atenção sobre si, além de direcionar a consciência social para determinado ponto.

O protocolo foi formulado para que pudesse ser extraído o maior número de significados na visualidade da veste e tornar possível a compreensão de se as escolhas foram feitas de forma reativa ou proativa para a comunicação.

Para que chegássemos ao resultado destas questões delimitamos o protocolo de análise e dentro deste registro conseguimos averiguar os principais tópicos na formulação desta pesquisa, respondendo aos

questionamentos propostos pelo cruzamento dos elementos imaginários da roupa. Dentre as quais apontamos: modelagem/forma; tecido/textura; cores; acessórios; período/acontecimento; fonte.

3.1.1. Moldes e formas

As vestes são procedentes da modelagem e definição de formas. É a parte na qual os materiais planos ganham formas tridimensionais totalmente adaptados ao corpo do indivíduo. É a configuração do produto transformador e comunicador inclusive potencializado pelos materiais, detalhes, recortes e tecido.

Desta forma, o fim da escolha deste tópico para estruturar o protocolo de análise é a possibilidade de responder ao questionamento: Como as formas e modelagem das vestes ou peças são capazes de fundamentar a comunicação?

Assim, projetamos a complexidade do ato de modelar, que permite o eterno construir e reconstruir do corpo, por vezes de maneiras singulares, como uma segunda pele cheia de significados. O modelar está intrinsecamente ligado à projeção de uma mensagem pela moda.

Então a cada dobra, vinco, recorte que possam transformar uma simples peça, pode ser um detalhe que mostra a intenção de determinada mensagem. Ao escolher mudar suas vestes no filme *Uma secretária de futuro*, a personagem interpretada por Melanie Griffith adotou novas formas para compor seus looks de trabalho. [...] abandona as roupas baratas, características da classe trabalhadora (e também do namorado trabalhador) e rouba literalmente as roupas pouco agradáveis, “retas no traseiro”, da sua chefe, para parecer uma mulher de negócios e ser levada a sério [...] (BARNARD, 2003, p.97)

A modelagem configura a roupa; vestir o produto configura a comunicação. É transformar o indivíduo e seus atos biológicos do vestir para os atos culturais e sociais.

Ainda podemos ressaltar que os detalhes, volumes e recortes direcionam o olhar para determinada parte do corpo e também dialoga com

quem vê. Saber, por exemplo, que uma coisa é uma manga é certamente diferente de saber que uma coisa é uma manga bufante ou francesa. (BARNARD, 2003, p.125).

Afinal, manga é uma parte da peça do vestuário que protege o braço e pode apresentar diferentes representações. No caso da manga bufante ou francesa, apreendemos a mensagem de que este modelo é tipicamente usado em vestes infantis, seja em blusas ou vestidos. Então, a plástica da forma mostra a liberdade, delicadeza e uma comunicação pelo gosto de tornar mais suave a sua inserção no cotidiano.

Seguindo esta ideia, apresentam-se outros tipos de classificação quanto à manga: longa - recato, formalidade; curta - descontração, informalidade; três-quartos (3/4) – elegante, formal; sem manga - informal, relaxado; bufante - romântico, feminino, pompa; japonesa - tradicional, origem. (SABINO, 2007, p.17 – 677)

Fundamenta-se que quanto aos decotes: profundo - sensual e provocante; ausência de decote - fechado, mostra recato e vontade de pouco se mostrar; redondo - é indicado para diminuir o volume dos seios e cria uma imagem juvenil; quadrado - suas formas retas diminuem o volume e mostram firmeza; canoa - mostra os ombros sendo totalmente sedutor; assimétrico - cria uma mensagem de modernidade; esportivo - valoriza os ombros, cria uma imagem despojada e atlética; em V - valoriza o colo e cria leveza à peça, leve despojamento; transpassado - valoriza o colo, levemente sensual; princesa - estilo romântico e tradicional; tomara-que-caia - simples, discreto, mas valoriza o colo, uma arma de sedução; frente-única - o decote frontal e nas costas coloca em evidencia a pele, sensual e despojado. (SABINO, 2007, p.17 – 677)

Se tomar gola: marinheiro - fiel, tradicional, regras; padre - tradicional, doutrinário, virtuoso; jabô - luxo, suntuosidade, requinte; rolê - estilo formal, não mostra o colo; babado - feminino e romântico; xale - valoriza o colo, levemente sensual; careca - despojado, informal; polo - esportivo, atlético; chanfrada ou reta - discreta, tradicional; princesa - juvenil e com ares pueris; smoking - elegante, festivo; jaquetão - tradicional, com ares militares, formal; chinesa -

étnico, tradição; capuz - atlético, descontraído, despojado. (SABINO, 2007, p.17 – 677)

3.1.2. Cores

Ao delimitarmos o protocolo de análise consideramos elementos que tornassem viáveis os estudos das várias perspectivas e significados de comunicação pela moda, dentre os quais consideramos ainda que cada cor tem uma função, uma atribuição, uma fala.

Ao pensarmos em cores, não temos a mensuração de quanto este item pode interferir de forma direta em nossas falas. As cores e os sentimentos ao serem explicitados são indissociáveis, não se combinam aleatoriamente, nem mesmo são expressos somente por uma questão particular.

A escolha da cor também é uma forma de expressão, construída pelas vivências, tradições, história e por nossa personalidade, mas que pode ter o sentido, as compreensões alteradas dependendo da situação na qual está alocada.

O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante. (HELLER, 2013, p.18)

Não podemos esquecer que a cor é um fenômeno totalmente ótico, que transfere à visão a possibilidade de perceber o tom; ou seja, o mesmo olho faz a compreensão e leitura de cada significado emitido naquele momento. Seja por uma única cor, ou mesmo por acorde cromático, várias cores juntas.

Na pesquisa não precisamos discorrer sobre as várias teorias técnicas sobre a cor, mas precisamos nos deter em contextos que possam delinear as possíveis mensagens feitas pelo emissor ao escolher determinada peça daquela cor. Não que não consideramos as classificações do tom observado, como cores primárias, secundárias, terciárias, quentes, frias, análogas, aditivadas, subtrativas dentre outras, mas centralizamos os estudos no que

cada cor ou suas associações podem manifestar no lado psicológico e até mesmo temporal, sem descaracterizar o objetivo da análise.

Segundo Heller (2013, p.21-288) pode-se, então, relacionar, sem esgotar as possibilidades, o azul como a cor predileta, a cor da simpatia, da harmonia e da fidelidade, apesar de ser fria e distante. É a cor feminina das virtudes intelectuais. O vermelho é a cor de todas as paixões – do amor ao ódio, a cor dos reis e do comunismo, a cor da felicidade e do perigo. O amarelo, a cor mais contraditória, otimismo e ciúme, a cor da recreação, do entendimento e da traição. O verde, a cor da fertilidade, da esperança e da burguesia, o verde sagrado e o verde venenoso. O preto, a cor do poder, da violência, da morte, cor da negação e da elegância. O branco, cor feminina da inocência, cor do bem e dos espíritos. O violeta, da púrpura do poder à cor da teologia, da magia, do feminismo e do movimento gay. O rosa, doce e delicado, chocante e kitsch. O ouro, dinheiro, sorte, luxo. A prata, cor da velocidade, do dinheiro, da Lua. O marrom, cor do aconchego, do pequeno-burguês, da burrice. O cinza, cor do tédio, do antiquado e da crueldade. Laranja, a cor da recreação e do budismo, exótica e penetrante, subestimada, transformação.

Cada veste, cada forma, cada moda tem uma cor que emite uma mensagem, significado. É preciso que compreendamos cada significado de forma separada para depois fazer as leituras contextuais em conjunto, se for preciso. Vale ressaltar que este significado não encerra as múltiplas mensagens, pois cada tom se transforma ao ser estimulado em determinada situação, alterando as sensações em cada cenário.

3.1.3. Cada pano, uma textura

Dentro do protocolo de análise, destacamos outro item necessário para a compreensão do estudo das vestes e para explicar a questão central da pesquisa. Devemos pensar em tecidos como parte estrutural da roupa e da comunicação. Determinada peça pode ter seu significado alterado ao mudarmos os tecidos.

As particularidades dos tecidos são as responsáveis por apresentar as sazonalidades e ocasiões de destinação, emitindo o propósito de uso e, por consequência, sua mensagem. As tramas compondo o tecido são capazes de tornar indissociável o sentimento ou o som que o ator que o carrega tem vontade de emitir. O tecido exprime uma fala, basta pensar em sua função. “É como se as qualidades fossem inerentes à roupa ou ao tecido, basta apenas olhar para a roupa para aprender seu significado” (BARNARD, 2003, p.120).

A escolha do tecido compõe a expressividade do indivíduo, que está diretamente relacionado ao que se vive, suas composições de comunicação, estilo, identidade, mas que se torna suscetível ainda ao panorama que está alocado, como nos apresenta BARNARD (2003, p.121), “Um tweed de lã grosso e felpudo pode significar rusticidade e campo, enquanto que uma lã penteada, bonita e macia pode significar sofisticação urbana.”

Considera-se, então, algodão como tecido com textura suave, macia e com durabilidade - tecido da leveza e simplicidade; Oxford - inicialmente era um tecido composto de algodão, mas atualmente sua composição é de poliéster, que remete ao ambiente profissional, imagem imutável, urbano; seda - sensibilidade, melindre, delicadeza, amável; linho - natural, mutável, suavidade; musseline - diáfano, transparente, suave; renda - delicadeza, requinte, feminilidade; microfibra - profissional, seriedade; cetim - polido, distinto, prestígio; feltro - artesanal; xantungue - áspero, irregular, imponente.(SABINO, 2007, p.17-677)

Não existe um esgotamento de sentido, nem mesmo esta é a intenção desta pesquisa, mas neste momento precisamos apontar que existem várias formas expressivas pelas texturas ou tecidos de cada veste. O cenário no qual a veste está alocada influencia a mensagem que o emissor quer passar. A impressão causada por cada veste é determinada por seu contexto, ou seja, pelos significados que percebemos.

3.1.4. Mais que complementos

Dentro dos tópicos escolhidos para fundamentar a pesquisa, que busca mostrar a relação moda, política e comunicação, escolhemos analisar os acessórios como agente integrante da moda de quem os carrega, sejam eles bolsa, pulseiras, sapatos, maquiagem dentre outros.

Os complementos, mais que ornamentar, fazem a distinção do indivíduo de forma mais característica e tipificada. Cada novo ornamento que colocamos em cima das vestes representa a intenção de emitir uma nova mensagem, ou uma complementação da fala que desejamos passar.

É incrível perceber que as alterações nos acessórios são mais voláteis que as das próprias roupas. Como conseguimos perceber no trecho

As modificações rápidas dizem respeito, sobretudo aos ornamentos e aos acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas gerais são muito estáveis. A mudança de moda atinge antes de tudo os elementos mais superficiais, afeta menos frequentemente o corte de conjunto dos trajes. (LIPOVETSKY, 1989, p.32)

Os acessórios traduzem claramente a efemeridade que ocorre à moda e aos modos da sociedade, mas também consolida formatos de distinção, como podemos perceber em joias tribais ou mesmo nas coroas reais; onde reis e rainhas são visivelmente distintos dos demais pelos aparatos de suas composições de moda.

Eles afirmam a ideia de que a engrenagem da moda funciona como método de diferenciar e hierarquizar por classes ou grupos o indivíduo frente à realidade apresentada. Devemos pensar que apesar de sua função decorativa, o acessório se torna um agente de distinção conjuntamente com as vestes, tornando a moda o alicerce da sociedade.

Pensar no acessório como complemento da comunicação pode relacionar pérola - com sólidas qualidades morais; ouro - valioso, riqueza, fortuna; brilhante - forte, fúlgido, luminoso; prata - forte, vistoso. Já os sapatos

têm salto - atraentes, sensuais; tênis - saudável, atlético; sapatilhas - descolada, informal; bota - invernal, campestre. (SABINO, 2007, p.17 – 677)

Devemos lembrar que acessórios ou adornos são quaisquer tipos de complementos dentro do histórico de moda, seja: sapato, bolsa, brincos, colares. E ao decidirmos colocar este item no protocolo é por acreditar que dentro deste contexto é preciso confirmar que cada um dos itens escolhidos traz uma mensagem. Eles também contribuem para um discurso sociológico, psicológico e cultural.

3.1.5. Contextos

Entre todos os tópicos considerados para a análise da comunicação da presidente Dilma Rousseff por suas vestes, a monografia apresenta recortes que mostram o refinamento da ideia, como fatos que puderam consolidar os acontecimentos e comportamento da sociedade.

Nessa forma de condensar as ideias, se deve considerar que o fato está intrinsecamente relacionado à forma que se processam as vestes e a comunicação dentro da sociedade.

Fato social é toda a maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 1995, p.39)

Na busca de acontecimentos com representatividade de valores coletivos e expressão de classes, o recorte temporal se relaciona com conteúdos que visionaram o estímulo pela mudança individual e coletiva. Recortamos sete períodos que pudessem legitimar a busca da articulação entre os indivíduos dentro da sociedade e garantir que aquele recorte pudesse ser considerado um fato social, como nos apresenta Durkheim

Por sua vez, um fato social possui algumas características distintivas dos demais fatos, quais sejam: a exterioridade às consciências individuais e a ação coercitiva que exerce sobre os indivíduos. “Somos, então, vítimas de uma ilusão que nos faz acreditar termos sido nós quem elaborou aquilo que se nos impôs do exterior” (DURKHEIM, 1995, p. 32).

Ao delimitar a importância de determinados acontecimentos, é possível delinear as principais consequências destes atos e observar o comportamento da presidente principalmente para compreender suas respostas, articulação e construção de um diálogo pelas vestes, criando um discurso formal, bem posicionado, seja de forma reativa ou proativa.

Assim, podemos destacar [a] posse, que ocorreu no dia 1º de janeiro de 2011 - possibilitou ser a primeira mulher governar o Brasil, sendo a trigésima-sexta presidente; que ao ser citada em diversas manchetes de jornais e sites é colocado que apesar de ser a primeira mulher a ser presidente, foi ofuscada pela despedida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula. Mas, também pode ser colocada a ideia de ser um ato histórico e capaz de mostrar o novo comportamento político do país. O julgamento do mensalão no dia 2 de agosto de 2012 começou o julgamento da ação penal número 470. Este escândalo começou com a compra de votos de integrantes do Congresso Nacional, principalmente do partido dos trabalhadores, entre os anos 2005 e 2006. Ainda no ano de 2012, em outubro, o Superior Tribunal Federal encerrou o julgamento, condenando 25 dos 37 réus. Mas couberam recursos e sua decisão só foi concretizada no ano de 2014. Durante o processo a presidente Dilma evidenciou por diversas vezes, mas de forma indireta, a preocupação na forma que tudo estava sendo conduzido, inclusive salientando a necessidade de que a decisão fosse centrada na imparcialidade e serenidade. As manifestações – reconhecidas como a Primavera Árabe no Brasil, aconteceram inicialmente por um reajuste feito nas tarifas de ônibus. Os protestos ganharam dimensões nacionais e marcaram mudanças no comportamento político, inclusive a aprovação pelo Congresso Nacional de várias concessões; a tal agenda positiva. Estes movimentos reuniram algumas palavras de ordem, como Vem! Vem pra rua! Vem!; O gigante acordou; Não é por 20 centavos. Ressalta-se neste momento a possibilidade de articulação e engajamento da

população, principalmente, pelas redes sociais. A Copa, o Brasil foi sede do campeonato mundial de futebol, a população brasileira realizou várias manifestações intituladas como Não vai ter Copa, que criticavam os gastos com estruturas e estádios para receber o evento; parte do barulho ainda era reflexo dos protestos que começaram no ano de 2012, mas que continuavam a demonstrar que os comportamentos e decisões políticas estavam indo contra os desejos da população. Não foram raras as manchetes que evidenciaram o comportamento hostil dos torcedores brasileiros no jogo de abertura, onde a presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), acompanhada do presidente da Fifa, Joseph Blatter, decidiram não se pronunciar para evitar maiores constrangimentos. Eleições, marcada pela morte de um dos candidatos à presidência, especulou-se inclusive que a morte de Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), foi encomendada; este fato ampliou a disputa e permitiu que no primeiro turno, a candidata Marina Silva, vice na chapa de Eduardo campos, ganhasse notoriedade e se firmasse como uma grande concorrente. O pleito foi disputado e teve segundo turno entre a atual presidente e Aécio Neves, Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Esta segunda etapa foi marcada pela disputada acirrada e a contagem voto a voto fez a diferença no resultado final, que apontou a atual presidente Dilma Rousseff como grande ganhadora. Na segunda posse, após a conquista pela reeleição, a presidente Dilma assumiu no dia 1º de janeiro de 2015 e deverá exercer o cargo até 31 de dezembro de 2018. Não foram raras as manchetes que evidenciaram os desafios que a presidente encontraria em seu novo mandato. O dia da posse foi de festa, mas de muitas manifestações por todo o país. O ajuste fiscal - política orçamentária que foi anunciada publicamente à população por meio de pronunciamento em rede nacional no dia 8 de março; foi recebida com panelaços, símbolo de contrariedade da população ao governo. O anúncio foi para redução de gastos governamentais visando a adequação à realidade financeira momentânea e foi ainda o momento de indicar que toda a população dividirá os gastos com o governo. “Absorvemos a carga negativa até onde podíamos e agora temos de dividir parte deste esforço com todos os setores da sociedade”, enfatizou a presidente. (Folha de S. Paulo, de 01/01/2011 a 15/03/2015).

3.1.6. Fonte

Para estruturar o protocolo de análise foi preciso, ainda, escolher um corpus que pudesse ter rigor metodológico e tornasse possível realizar um estudo exploratório das imagens sem direcionamento de conotações, mas que refletisse a necessidade de respostas do escopo da pesquisa.

Analisar as fotografias na cobertura do cotidiano da presidente Dilma Rousseff fez parte do levantamento inicial da presença de uma mensagem reativa ou proativa de comunicação pelas vestes frente aos acontecimentos. Para que houvesse esta prática era preciso definir qual seria o corpus que poderia estabelecer elementos para análise e integração no protocolo de forma clara e uniforme, ressaltando os elementos que constituem a comunicação.

A escolha do site da presidência e jornais como corpus da análise se fez necessário para que pudesse haver registro e organização de informações de acontecimentos que captassem de forma concreta cada eventualidade ocorrida. Vale lembrar, que a fotografia também é uma forma de comunicação que expõe com fidelidade as trajetórias, conquistas, vivências, costumes, cultura e memória.

3.2. Resultados da classificação

Esta análise de dados foi pautada em estratégias que buscassem demonstrar um resultado a partir da observação prévia das imagens e alocação conforme o contexto histórico. Dentro da pesquisa foram analisadas 29 postagens, dentro do recorte de contextos nos quais fosse possível retratar o governo da presidente Dilma Rousseff.



Figura 6: Posse da primeira presidente do Brasil (01/01/2011 e 02/01/2011) – site da presidência (Roberto Stucckert Filho)



Figura 7: Presidente Dilma Rousseff durante o julgamento do mensalão (02/08/2012 a 06/08/2012) – site da presidência (Roberto Stucckert Filho)



Figura 8: Presidente Dilma Rousseff durante o agravamento das manifestações populares (16/06/2013 a 20/06/2013) – site da presidência (Roberto Stucckert Filho)



Figura 9: Presidente Dilma Rousseff durante a Copa do Mundo (12/06/2014 a 16/06/2014) – site da presidência (Roberto Stuckert Filho)



Figura 10: Presidente Dilma Rousseff durante as eleições de 2014 (05/10/2014 a 09/10/2014) – site da presidência (Roberto Stuckert Filho)



Figura 11: Presidente Dilma Rousseff durante a posse da reeleição (01/01/2015 e 02/01/2015) – site da presidência (Roberto Stuckert Filho)



Figura 12: Presidente Dilma Rousseff durante o ajuste fiscal (08/03/2015 a 12/03/2015) – site da presidência (Roberto Stucckert Filho)

Na análise do corpus percebe-se que dentro do cenário político é praticamente impossível assumir totalmente sua feminilidade pelas vestes. A presidente Dilma Rousseff consegue mostrar por suas escolhas vestuais uma personalidade de pessoa integrada ao meio político, de pulso firme e distante da ideia de identidade feminina e frágil.

O resultado da observação ainda faz inferência de que o visual da presidente Dilma Rousseff é bem delimitado e constante, ficando as mudanças mais marcantes e a comunicação a cargo das cores.

As escolhas da presidente são bem singulares e não se alternam muito nas formas e modelagem em relação aos acontecimentos históricos, com exceção das cores. Sua escolha sempre recai sobre vestes com manga três quartos, que são consideradas formais, mas não opulentas; são positivas, claras. Ao optar por este corte, a presidente se aproxima da realidade de seu público, por mostrar uma forma mais simples e sem requinte. Em compromissos mais requintados, ela opta por peças de manga longa.

Outro ponto que merece destaque é o corte com características geométricas, alongadas e sem grandes detalhes das vestes, que escondem as formas originais do corpo feminino. Os cortes retos, a modelagem afastada do corpo e as camadas criadas por pelo menos duas peças, são escolhidos para ter funcionalidade e adequação ao ambiente tipicamente masculino.

Dentro da análise da indumentária foi percebido, ainda, que existe uma constância no uso de duas peças, sempre com linhas retas. A presidente Dilma

Rousseff constantemente usa calça preta combinada com alguma camisa ou blazer. Esta combinação de peças com características andrógenas mostra a adoção de peças do universo masculino, não deixando o corpo em evidência, afastando a ideia de feminilidade.

Apenas em duas ocasiões, sete por cento das análises, nos períodos analisados, a presidente usou saia ou vestido; sempre nas poses. Nestas ocasiões ela carregou consigo mais aspectos femininos, como cores suaves, rendas e estampas.

Outro aspecto relevante no estudo foi a ausência das estampas florais. “Os estampados de flores, especialmente, parecem representar a feminilidade...” (LURIE, 1997, p. 222). Assim, quando se percebe estampas nas escolhas vestuais da presidente, são leves grafismos, “as linhas retas sugerem ordem e controle, as linhas curvas sugerem liberdade e descontração” (LURIE, 1997, p. 221).

O protocolo ainda é constituído por coleta de dados que podem parecer inicialmente superficiais, como a análise das cores, mas que apresentou respostas práticas ao estudo e pode ser facilmente confrontado com os acontecimentos contextuais. Como é o caso do uso, em quase 90% das imagens, da cor azul ou outros tons mais neutros em momentos de extrema crise. A escolha destes tons desejava transmitir a mensagem e a vontade de se mostrar serena, tranquila.

Na análise das imagens percebeu-se também que a cor vermelha, típica das vestes e comunicação da presidente durante sua busca pelo poder e tão ligada a sua identidade política, deu espaço para outros tons ou apareceu de forma coadjuvante em alguns contextos.

Durante os períodos mais críticos houve restrição no uso do vermelho, mas vale lembrar que em momentos bem específicos ela usou a cor típica do partido, como: eleições, campanha e dia de votação, ou ainda, em encontros com representantes internacionais.

Outro ponto de destaque é a presença quase unânime da cor preta como base de seu vestuário. A calça de corte reto, na cor preta, aparece

praticamente todos os dias. Ela aposta quase sempre na combinação de duas peças, uma sendo a calça preta e a outra peça podendo apresentar outra cor.

Diferente do que aconteceu em sua primeira campanha à presidência e meses iniciais de seu governo, a presidente dentro dos dias analisados em cada contexto, optou na maioria das vezes por cores distantes do vermelho. A exceção fica por conta da campanha eleitoral, onde usou por três dias a cor vermelha com a mesma emissão de mensagem, tendo como objetivo principal a confirmação de ideais políticos e partidários.

Outro aspecto que merece destaque é a presença de sua filha como acompanhante carregando também a cor vermelha, tão característica do partido dos trabalhadores e da força em seu cotidiano. Esta situação foi apresentada em pelo menos um dos pontos-chave dentro desses recortes, que foi a cerimônia de sua segunda posse, perceptível pela insatisfação de quase metade dos eleitores do país. Porém, tal escolha revela a manutenção de suas ideologias políticas em detrimento do sentimento popular de rejeição.

Outro detalhe que merece destaque é o uso de acessórios, sempre discretos, atemporais. Não há registro de ornamentação excessiva. Foi percebido que ao começar as manifestações com maior proporção pelo país, a presidente incorporou o uso das cores da bandeira nas vestes e um colar com uma bandeira do Brasil. Outro detalhe presente em sua indumentária foi uma pulseira de olho-grego e outra com frases bíblicas, como amuletos para momentos de extrema crise. Esta mudança de acessórios é importante, pois a presidente sempre restringiu o uso a pequenas peças douradas, sem grandes detalhes ou colar de pérola.

Os sapatos são simples, com saltos grossos, o que aproxima a ideia de firmeza e equilíbrio nos passos. Não há presença de detalhes ou cores chamativas.

Com estas escolhas é perceptível que a presidente deseja emitir ao mesmo tempo uma ideia de profissionalismo, segurança, força e retidão, mas com abertura e simplicidade junto ao seu eleitorado. Ao optar pela ausência de

estampas, a presidente afasta a imagem feminina, frágil e de submissão. As cores quase sempre neutras mostram a centralização de objetivos.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Por a pesquisa ter caráter descritivo, visando delinear o fenômeno da comunicação e das características na escolha das roupas em função de algum acontecimento, o estudo apresentou a análise por episódios que foram variáveis determinantes para a população dentro destes cinco anos. E por consequência, a alternância e escolha das vestes como resposta, reativa ou proativa, aos acontecimentos.

Nesta etapa foi feita a análise das imagens em conjunto com os recortes. A contextualização do diálogo foi feita pela classificação, principalmente, das tipicidades e atipicidades, inclusive pelo uso das cores impactantes nas vestes da presidente. Ressalta-se aqui o uso das cores porque tal detalhe se tornou um dado que mostrou mais variação nas observações.

A constância e imutabilidade em outros tópicos de análise permitiu o descarte na quantidade, mas não no caráter qualitativo. Durante o período de cobertura do objeto foram analisadas 29 imagens do site da Presidência, do fotógrafo Roberto Stucckert Filho e jornais, que apontam características de fala da presidente pelas vestes em sete contextos.

Dentro da análise poder-se-ia organizar os resultados de forma cronológica, mas opta-se pela valência, onde o ordenamento dos efeitos do estudo explicita o contexto positivo x contexto negativo e, mais o eleitoral que é diferente dos demais. Assim consegue-se apresentar de forma clara e lógica a ordenação das cores, da mais presente na contextualização positiva para mais presente na contextualização negativa. (ver Quadro 3).

	Contexto	Quantidade imagens	branco	rosa	laranja	preto	vermelho	verde	bege	roxo	azul
A. Contexto eleitoral	Eleições	5	1	0	0	0	3	0	0	0	1
	Posse	2	1	0	0	1	0	0	0	0	0
B. Contextos de celebração	Posse reeleição	2	1	1	0	0	0	0	0	0	1
	Copa	5	1	0	2	1	0	0	0	0	1
	Subtotal (b)		3	1	2	2	0	0	0	0	2
C. Contextos de crise	Julgamento do mensalão	5	0	0	1	1	1	0	0	2	0
	Manifestações	5	0	0	0	0	0	0	1	2	2
	Ajuste fiscal	5	0	0	0	1	0	1	0	0	3
	Subtotal (c)		0	0	1	2	1	1	1	4	5
Diferença (b-c)			3	1	1	0	-1	-1	-1	-4	-3
TOTAL (a+b+c)			29	4	1	3	4	5	1	4	8

Quadro 3: Resultados da análise feita nas imagens dentro de contextos sociais

4.1. Um Brasil dividido em vermelho e azul

Postagens, tweets, amizades desfeitas são alguns detalhes que podem sintetizar a guerra na construção do cenário político, ou a tentativa, nas eleições de 2014. O Brasil dividido ao meio; literalmente, duas cores, duas ideologias, dois candidatos.

Neste momento, a população brasileira resgata a vontade de falar de política, de criticar o que julga errado, de externar a vontade e as crenças, mas também conseguimos distinguir que este comportamento é reflexo e continuidade de fatos sociais anteriores. As manifestações, a contrariedade pela Copa do Mundo, a falta de estrutura relacionada às necessidades básicas, o aumento de preços, a volta da inflação, como resposta aos vários escândalos, o cansaço quanto à impunidade parlamentar e a morosidade da justiça.

Com estes consecutivos episódios e contrariedade da população, os movimentos populares polarizaram a insatisfação, inclusive na falta de

assimilação da presidente como a líder de uma maioria, instituindo um panorama de guerra ideológica entre os eleitores.

Os discursos e palavras de ordem dos opositores deixam claro o questionamento da competência administrativa da presidente, das crises que estão delineando o governo e ainda a dependência do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Dentro da guerra é visível a divisão do país em duas cores, vermelho e azul.

Esta perspectiva foi sintetizada em cinco imagens, sendo a primeira do dia 5 de outubro de 2014, dia de pleito do primeiro turno. As postagens serviram de apoio para que se conseguisse delinear o comportamento vestual e sua comunicação, pois elas sintetizam todo o comportamento da presidente neste período, inclusive do resgate do vermelho. Nesta análise contabiliza-se por três vezes a presença da cor vermelha, antes tão frequente, mas por um tempo ausente nas vestes da presidente.



Figura 13: O uso do vermelho durante as eleições 2014 – site da presidência e G1

Ao usar durante toda a campanha o vermelho como base de suas vestes, a presidente Dilma Rousseff consolida as raízes e de uma maneira reforça a imagem de disputa, guerra, mas que exprime a vontade de comunicar ao mundo qual a posição, afinal “quanto mais fraca sua posição política e a própria cor, mais forte parecerá a cor do adversário” (HELLER, 2013, p.70) e apresenta ainda que o vermelho foi escolhido como referência psicológica e

cromática dos movimentos dos trabalhadores, da massa. (HELLER, 2013, p 70 e 71).

Ao escolher a veste no dia da votação, a presidente externaliza a fala. O uso constante do vermelho pela presidente, neste cenário, é a forma de alinhar a vontade a dos eleitores. Ela consolida a postura e ativa o contraste às ideias do opositor, oficializando o discurso pelas vestes, inclusive escolhendo o receptor de a mensagem.

O que devemos salientar é que após o pleito e a divulgação do resultado do primeiro turno, a presidente investiu no branco para começar a nova etapa; a campanha para o segundo turno. Segundo HELLER (2013, p.153 - 177), o branco explana a vontade de limpeza externa e a pureza mais profunda. Assim, fica visível a emissão de uma cessão momentânea, da nova criação, de um novo cenário, de um novo início.



Figura 14: O vermelho cede espaço para cores mais neutras, branco e azul – site G1

O azul não aparece como coadjuvante, mas como antagonista. A situação proporciona a expressividade das duas cores na complementação dos discursos dos líderes e das filosofias defendidas em cada novo embate. Diferente da ideia de confronto, ou mesmo de aceitação da ideologia partidária oposta, a presidente ao escolher vestes nestes tons se colocou com a força dos trabalhadores, da intelectualidade feminina, expressa pelo azul. Neste

momento os discursos pelas vestes ficam exacerbados e transparece o seu objetivo de forma clara.

A propensão em usar roupas com formas retas retomam a ideia de ordem e controle, características que devem ser inerentes ao chefe de poder. Esta forma foi usada durante todo o primeiro mandato e continuou sendo propagada na disputa presidencial. Neste momento, a forma reta exige uma presença maior, pois as críticas contra a candidatura são diretas e querem mostrar uma fragilidade, contestada ao escolher inclusive o Oxford como tecido de todas as peças, mostrando uma adequação ao ambiente urbano, mas também marcando a imutabilidade e a presença dentro de um ambiente tipicamente masculino.

A escolha da modelagem do blazer, se alterna entre alongado ou comum, variando nuances de força masculina e tradição, ao profissionalismo e formalidade. Estas características estão intrínsecas na disputa e na vontade de emitir a mensagem capaz de trazer um resultado de aprovação para este desafio.

Outro ponto que se manteve sem alterações dentro da análise da indumentária na disputa foi o uso dos acessórios, que continuaram discretos, sem grandes detalhes, no tom dourado, transparecendo o valioso, algo majestoso.

Nesta fase contextual, ressalta-se o uso de vestes explicitamente conexas aos acontecimentos e uma maior intenção em colocar cada veste naquele determinado momento. A comunicação proativa é um destaque deste contexto analisado, quando a cada presença do vermelho, a presidente usa sua ligação aos ideais políticos que a sustenta neste ambiente e na guerra eleitoral.

4.2. Dilma, postura e discurso

O panorama a ser analisado foi a posse da primeira mulher a governar o país, acontecimento marcante na política brasileira. A população abre espaço

para que comece uma nova perspectiva dentro da política ao escolher uma “companheira” para ocupar o mais importante cargo do cenário brasileiro. Foram analisadas duas postagens.



Figura 15: O uso do branco para começar seu governo – site da presidência

O dia 1º de janeiro apresentava Dilma Rousseff para quatro anos de mandato e desafios de gestão. Ficou explícita a postura e compreensão de que sabia dos desafios e da necessidade de coragem ao evocar em seu pronunciamento uma citação de Guimarães Rosa, do livro *Grande sertão: veredas*, “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Com o discurso, ela apresentou a trajetória política, o trabalho e a vontade de enfrentar desafios, independente de quais fossem seus tamanhos. Ao escolher as vestes para se apresentar à nação, com formas retas, mesmo sendo um blazer de renda e um vestido, que tenderiam à feminilidade, a presidente retorna à ideia de ordem e controle, que se faz pela ausência de modelagens e cortes que seguissem o corpo feminino, curvilíneo, apresentado por LURIE (1997, p. 221).

Outro ponto a ser observado é a modelagem, que não retrata a aparência de uma veste rebuscada. O corte do blazer está longe de passar a ideia de opulência e o corte alongado apresenta a ideia de ares masculinizados

e ligado ao tradicional. Outro ponto relevante é a ausência de decote, que conforme apresentado anteriormente, emite uma mensagem de recato, um cuidado maior na vontade de se mostrar.

Os tecidos escolhidos para a construção da veste de posse foram: a renda (leve) e Oxford (pesado). O mix de tecidos traz a ideia do universo feminino ao evento, pela escolha da renda. Porém, ao combinar com o Oxford, caracteriza as vestes tradicionais do ambiente profissional e urbano, mas diminui a mensagem de ser apenas um cumprimento de protocolo, pois existe uma carga emocional. A escolha sugere uma mensagem de que a presidente sabe da força de ser a primeira mulher a ocupar o cargo, mas reafirma a certeza de que o ambiente é tipicamente masculino e com ares quase imutáveis.

Ao considerar o uso de acessórios, destaca-se o uso de brincos e colares de pérolas, que segundo SABINO (2007) e O'HARA (1992), remetem à ideia de sólidas qualidades morais, e ao combiná-las ao ouro, transparecem o valioso, riqueza, fortuna.

Quanto à cor escolhida, a branca, exprime uma ideia de início, recomeço, de vontade de uma nova história. A história dela. E cada história é marcada por fotos, recordações, assim assemelhando-se ao que nos apresenta HELLER (2013, p.169), "Álbum significa 'branco' em latim, e um álbum é originalmente um livro branco, vazio, que será preenchido com fotos e recordações da pessoa".

Também pode mostrar o confronto de imagem que ela passa, de uma mulher apontada como brava, intolerante, com a ideia de ressurreição, a remissão dos pecados, uma espécie de trégua. "Branco é a cor dos tipos cujo caráter é tranquilo, passivo." (HELLER, 2013, p.159).

Outra observação sobre a cor branca é a ligação com a limpeza, pois qualquer sujeira pode ser vista. Assim, a transparência de vontades está expressa em cada escolha de peças com estes tons, está ligada à cor dos movimentos políticos que ela quer passar ao eleitorado. "O maior simbolismo

político do branco é como cor da capitulação. Quem mostra a bandeira branca não quer mais – ou não pode mais – lutar” (HELLER, 2013, p.167).



Figura 16: Depois do branco, o preto para o primeiro compromisso como presidente da República – site da presidência e G1

Ao considerar o dia seguinte, existe um contraste na escolha de uma cor dominante, o preto. Cor que acompanha os próximos dias, sempre no uso da presente calça preta reta. Lembrando que a cor preta é considerada a cor da individualidade, da presença e transparência do caráter da pessoa que a carrega e que marca seu primeiro compromisso internacional como chefe de Estado.

Nesta primeira fase contextual, ressalta-se uma indumentária adequada ao protocolo e que está mais próximo às roupas acessíveis e aos da classe trabalhadora. Enquanto todos esperavam ou mesmo imaginavam que a presidente apareceria carregando a cor do partido, ela escolheu as vestes aproximando-se da ideia de proatividade, uma roupagem que mostrasse a tentativa de uma nova história.

Ela se vestiu para os eleitores, para se aproximar através de um diálogo pelas roupas, seja para proferir a mensagem de leveza para o futuro ou mesmo a relação com o passado; comparando o futuro governo com o do antecessor,

o presidente Lula, mas sem esquecer as raízes políticas e expressas pelo uso do vermelho.

4.3. Dilma, reeleita

O sexto panorama a ser analisado é a segunda posse da presidente Dilma Rousseff. Após um período de confrontos declarados entre eleitores aliados ou opositores, um país dividido ao meio, a primeira mulher a governar o país assume novamente o posto, previsto para durar até final de dezembro de 2018. Nesta parte da análise temos duas postagens, que apontam a presença das cores nas vestes da presidente. A análise se centrou nestes dois dias, pois a presidente entrou de férias.

Após quatro anos, o dia 1º de janeiro, consolida a vontade de metade do Brasil, mas apresenta ainda a insatisfação de outra metade. No discurso a presidente afirma diversas vezes que a cerimônia é para a reafirmação e ampliação de compromissos com o eleitorado; além de ser uma nova etapa para a continuidade de mudanças, principalmente as sociais no país.



Figura 17: A escolha do rosa para a posse da reeleição. A filha usa o tradicional vermelho partidário para acompanhar a presidente – site da presidência

Seu discurso começa com a exposição de sua força como mulher, conexas à escolha de vestes para a posse. Nesta segunda fase, ela contrapõe

as linhas retas das vestes da primeira posse e escolhe uma sobreposição de peças, com formas mais soltas, menos retas, mais próximas às linhas curvas, que sugerem liberdade e ar de descontração, como afirma LURIE (1997, p. 221).

O vestido de tecido fluido combinado a um costume de renda delimita uma imagem mais frágil e delicada, se comparamos a sua primeira posse. A preferência por esta veste está em conexão com a oralidade em discurso: “Volto a esta Casa com a alma cheia de alegria, de responsabilidade, de esperança. Sinto alegria por ter vencido os desafios e honrado o nome da mulher brasileira. O nome de milhões de mulheres guerreiras, mulheres anônimas que voltam a ocupar, encarnadas na minha figura, o mais alto posto dessa nossa grande nação.”

Dentro do estudo, persevera uma modelagem simples e a manga três-quartos, afastando a pompa. Outro ponto que se assemelha à primeira veste de posse é a renda, mas neste momento a firmeza do Oxford dá espaço à fluidez, leveza da musseline. Ao escolher estes tecidos, a presidente emite a mensagem de querer ser uma pessoa diáfana, transparente, suave, delicada e sim, feminina. Menos profissional e eloquente; mais feminina e materna.

Quanto aos acessórios, persiste o uso de acessórios discretos, como o relógio dourado e o brinco de pérolas. Como afirmado anteriormente, SABINO (2007) e O’HARA (1992), defendem que a pérola remete à ideia de sólidas qualidades morais e o ouro, transparece o valioso, riqueza, fortuna.

No que se refere à cor, o rosa em tom suave, estampa a ideia de docilidade e delicadeza. Mais que isso, HELLER (2013, p.213) defende que o cor-de-rosa é, na verdade, a única cor a respeito da qual ninguém pode dizer nada negativo.

O cenário político no dia 1º de janeiro de 2015, as dúvidas quanto ao destino do país, escândalos de corrupção, indícios de crise econômica e divisão do país em pelo menos dois eixos, exigiam um posicionamento da presidente reeleita. Assim, é possível apreender que ao escolher as vestes no tom de rosa, a presidente emite a mensagem de que mesmo com fatores

contrários, acredita que nada de negativo poderá ser expresso em relação ao seu governo.

Outro ponto que é perceptível à primeira vista é que a cor é considerada tipicamente feminina, mas a história apresenta uma versão diferenciada do uso desta tonalidade. “Todos que desprezam o rosa como ‘tipicamente feminino’ poderão ficar surpresos ao saber que, pela tradição antiga, o cor-de-rosa é uma cor masculina” (HELLER, 2013, P.215). Dessa maneira, carregar o rosa fica impregnado de simbolismos, particularmente da força que está pretendendo demarcar naquele momento.

Aliás, na observação do cenário de posse, evidencia-se a presença da filha da presidente Dilma Rousseff vestida dos pés à cabeça com o vermelho; sabendo de suas características, de ser a cor dos trabalhadores, do socialismo, do orgulho, da liberdade. Não fora a primeira vez que a filha, como suporte emocional e familiar, esteve ao lado da presidente mostrando uma complementação ao diálogo principal; o de haver uma interlocução da presença da história operária, de luta e da felicidade, que dominam o poder do país, após uma longa batalha.

O cenário composto apresenta a intenção de apaziguar a agressividade, pela docilidade do tom rosa, pela combinação de tecidos, pela presença de traços de indumentária típicas maternas. Mas não podemos deixar de ressaltar que como aconteceu na primeira posse, a presidente prolifera uma mensagem na cerimônia e opta por um tom neutro no dia seguinte.

Ao escolher veste azul-marinho, depois de mostrar toda sua brandura ao usar o rosa, ela opta por emitir uma palavra de falta de coragem ou mesmo monotonia. Esta ambiguidade parece ser intencional, se combinada ao bege, que remete à calma e passividade.



Figura 18: Primeiro compromisso oficial do segundo mandato – site da presidência e G1

O enquadramento e percepções das escolhas das vestes neste momento emite de forma proativa uma sonoridade de um pedido de complacência e da participação de todos nas atitudes e mudanças que serão necessárias. É nítido o conhecimento de todas as adversidades vindouras em novo mandato, mas ela emite a mensagem de que mesmo com tantos fatores contrários, tudo será feito de forma a transformar a história que parece estar tendo interferência.

4.4. Não vai ter Copa

O vermelho perde mais força. Foram analisadas cinco publicações que apresentam as roupas da presidente desde o dia da cerimônia de abertura da Copa do Mundo, que coincide com manifestações contra o evento, e os quatro dias posteriores, e em nenhuma das cinco publicações foi contabilizado o uso da cor vermelha.



Figura 19: O vermelho dá espaço aos tons mais neutros – site da presidência

Na observação destas cinco publicações é possível apontar que o sentimento de insatisfação se mistura ao amor pelo futebol e tudo se torna uma atividade intrínseca do cotidiano do indivíduo. Um dos aspectos que pode ser ressaltado na observação é a duplicidade no uso do laranja e a contabilização das outras cores que foram utilizadas. Com isso se percebe que a neutralidade do preto, branco e azul ganha destaque, juntamente com a vontade clara de não prender as escolhas ao tom partidário.

Após vaias na abertura da Copa, a presidente aparece em compromissos com vestes no tom de laranja. Dentro da análise de emissão de mensagens, o tom laranja é a forma de tornar algo diferente, móvel, intenso, e segundo os significados explorados por Heller (2013, p.187), o vermelho é a cor da felicidade e do poder. O laranja não é apenas a cor entre a perfeição e a felicidade, tem seu significado próprio, fundamental: laranja é a cor da transformação.



Figura 20: O laranja ganha espaço nas vestes da presidente – site da presidência

As formas retas do blazer aparecem de forma imperativa e continuam afastando qualquer possibilidade de feminilidade. Continuam impondo a ordem e o controle em cada nova aparição. Estas escolhas enfatizam a vontade de consolidar a ideia de coragem em enfrentar qualquer desafio. A modelagem simples, nada luxuosa e ampla, também se repete e reafirma sua proximidade com seu público.

Dentro da observação dos tecidos escolhidos para a construção da veste, é perceptível a insistência no Oxford, vestes tradicionais do ambiente profissional e urbano, que diminuem a mensagem emocional e enfatizam a força do cargo. Esta resposta ocorre no momento que expande a contrariedade da presença dela no cargo e a proximidade com as eleições presidenciais.

As mudanças continuam, e além do uso das cores, ocorre também a escolha de acessórios atípicos ao dia a dia da presidente. Ao considerar o uso de acessórios, destaca-se a presença de um colar com uma bandeira do Brasil, remetendo à ideia de patriotismo.

Os acessórios servem como um detalhe que exacerba a vontade de mostrar a identificação com o sentimento de orgulho em ser brasileiro e do desejo de mudanças. O uso de brincos e colares de pérolas dão espaço às peças com apelo cívico. Com estas escolhas ela quer passar a ideia de ter o

mesmo sentimentalismo e amor ao Brasil que as pessoas que manifestam e emitem palavras de ordem, procurando uma identificação com os opositores, um laço que os una e extrapole a politização dos atos.

Pode-se dizer que a presidente deixou de usar o vermelho para que a população não sentisse um confronto da parte dela aos acontecimentos. A continuidade desta ideia de evitar o linchamento social e os ataques partidários faz com que a cor que reproduz qualquer assimilação com este conceito fique longe das vestes da presidente neste período. Enquanto os ânimos se mostravam exaltados, é esquecido o vermelho e toda a expressividade partidária.

4.5. Pesos e medidas

No segundo ano do mandato e frente à sequência de acontecimentos, no dia 2 de agosto de 2012, começa o julgamento da Ação Penal (AP) 470, episódio que ficou conhecido como mensalão. A prática de compra e venda de votos por integrantes do Congresso Nacional entre os anos de 2005 e 2006 gerou uma denúncia-crime no ano de 2007, que começou a ser julgada no ano de 2012.

O contexto político do Brasil apresentava, talvez, uma das primeiras formas de condenação às práticas de corrupção, tão recorrentes na história do país. Neste momento, nomes de grande força no partido dos trabalhadores eram apresentados e julgados por seus atos.

Assim, o recorte é composto por cinco postagens que sintetizam as informações das vestes da presidente Dilma Roussef neste período, em destaque a repetição das mesmas cores, que caracterizou uma das atipicidades mais impactantes na construção de diálogo.

Ao analisar esta etapa, apreende-se que a presidente aparece vestida com peças em apenas quatro tons: roxo, vermelho, preto e tom de laranja bem próximo ao vermelho. As escolhas são constantes e padronizam a forma de mensagem.

O padrão e a repetição são pontos que merecem destaque nas escolhas do que vestir. Existe a presença de repetição, ainda, no uso de colar, gola de smoking e na modelagem alongada das peças. Ao optar por estas repetições a presidente pode ter optado por construir sua imagem de forma fixa, sem grande espaço para dubiedade nas possíveis interpretações de quem a recebe.

Assim, é perceptível que ao escolher a predominância da modelagem alongada, a presidente mostra o pertencimento a um universo completamente masculino e tradicional. Já ao repetir o uso da gola no formato de smoking e do colar estilo gargantilha em dourado, ela escolhe por mostrar que apesar de estar vivenciando um período de muito conflito, a ideia de elegância se sobressai a de festividade que este corte impõe. Afinal, a presidente provavelmente elegeu por estes detalhes para distanciar sua imagem da dos acusados no escândalo do mensalão.

Ao escolher uma peça dourada, destinada inicialmente à ideia de riqueza, fortuna e valor, Dilma explicita a influência de as ações e a vontade de não se mostrar frágil, mesmo com tantos obstáculos. Essas escolhas, inclusive de um padrão de repetição em as vestes, reflete que as circunstâncias e dificuldades são enfrentadas de forma contínua e sem grandes auxílios para enfrentar este momento.

As repetições caracterizam que a roupa ganha força de uma armadura, com tantos embates a serem enfrentados. Novamente, as mudanças são feitas de forma proeminente pelo uso das cores, afirmando, assim, uma personalidade marcada e com emissão de uma fala diferenciada, quase que exclusivamente pelos tons.



Figura 21: A tradicional com do partido dos trabalhadores ainda aparece durante o julgamento do mensalão – site da presidência

“Quando uma cor simbólica adquire tanta importância, a ponto de ser imprescindível que a observemos, ela passa a ser fortalecida por símbolos não relacionados às cores” (HELLER, 2013, p.67). Dentro destes cinco registros, a dominância do roxo é visível. A presença deste tom por dois dias seguidos pode transmitir a emissão da ambivalência dos sentimentos; seja considerando-a a cor do poder ou da violência. Outro sentido desta tonalidade é a penitência, humildade. Não se pode esquecer ainda que ao estudar a nuance, tem-se que a cor neste momento está diretamente ligada ao desejo de emitir sua humildade em reconhecer a importância dos fatos e a necessidade dos julgamentos, não deixando de exercer sua mensagem de poder e também de independência.

E nesta intenção é possível perceber o desejo intrínseco da presidente de desvincular sua imagem da dos condenados, ao não optar pelo uso da cor partidária, mas não deixando de fazer uma crítica ao processo. A mudança do presente vermelho para o roxo exalta os sentidos de cada cor, de perigo e da inteligência. Do vermelho da solidificação de uma ideologia, para o roxo da inconformidade. O vermelho das correções e certezas, para o preto da ambivalência dos sentidos.



Figura 22: O roxo e sua variação ganham destaque neste período – site G1



Figura 23: A neutralidade do preto também aparece dentre as escolhas da presidente – site da presidência

Inferese-se que apesar de considerar os feitos do presidente Lula, a atual presidente quer desenvolver uma expressão única do governo. Ela estaria emitindo as vontades, demarcando um recomeço e a possibilidade de tornar visíveis as possibilidades. A reatividade aos acontecimentos fica clara ao deixar de usar o vermelho explicitamente nestes momentos mais delicados, para que o público não sentisse uma confrontação da parte dela às medidas tomadas.

4.6. Das redes para rua

As redes sociais foram utilizadas para debater, organizar e propagar os movimentos sociais que pautaram as manifestações conhecidas como “manifestação dos 20 centavos”, “manifestações de junho” ou “jornadas de junho”, e tais acontecimentos foram considerados uma versão brasileira da Primavera Árabe.

Dentro do panorama das manifestações, pode-se analisar uma mudança na postura dos brasileiros e da presidente. Se o início das manifestações se deu pelo aumento de preço de passagens em algumas cidades, o desejo em mostrar a insatisfação pelo comportamento e decisões políticas que estavam sendo tomadas pelos representantes motivou a continuidade destas ações, inclusive resultando na aprovação de várias medidas que valorizavam as reivindicações dos manifestantes; a chamada agenda positiva.

Sob a perspectiva da análise, contabilizaram-se cinco publicações no período entre 16 de junho a 20 de junho, marcando a exacerbação dos sentimentos de inconformismo da população. Assim, tornou-se possível enumerar todas as cores que foram utilizadas neste espaço e que se tornaram símbolos mais presentes na elaboração do diálogo pelas vestes da presidente dentro do período de agravamento dos manifestos no país.

Ao analisar o terceiro contexto escolhido como recorte dentro do governo da presidente Dilma Roussef, percebe-se a continuidade das vestes retas, das mangas três-quartos, da modelagem ampla. Existe a predominância na composição da comunicação vestual da calça preta e uma peça com a mesma cor, ou cor contrastante. Existe uma repetição e constância das mesmas vestes, mesmo em momentos distintos.

Os acessórios apresentam algumas expressividades diferentes das tradicionais pérolas e da discrição das joias douradas. A presidente Dilma insere nas escolhas peças com valor de proteção, como a pulseira de olho-grego e a com a oração do pai-nosso. Outro ponto de diferenciação é a aparição de brilhantes, que transmitem o significado de fortaleza e luminosidade e, ainda, a presença da prata, que também exprime força.

Talvez a ideia da presidente, neste período das manifestações seja evidenciar a percepção de um momento delicado e que necessita de cuidados, de proteção. Também cria uma imagem de uma pessoa que partilha da fé e recorre aos amuletos para que o mau não a atinja e que o divino possa interferir e melhorar o que vem acontecendo.

A alteração mais marcante continua nas cores e significados frente aos acontecimentos. As cores das vestes são sempre classificadas como agente principal desta comunicação, uma vez que os outros pontos analisados dentro do protocolo são constantes e não permitem outra leitura, mesmo em momentos considerados críticos, existindo uma solidificação da imagem. Eles se tornam descritivos da identidade da presidente, mas não da resposta àquele acontecimento.

Isto é, as publicações apresentam variações de tempo e acontecimentos, trazendo argumentos que constituem o diálogo da presidente pelo uso de roupas. A partir desta ilustração e análise nota-se que a cor vermelha vem dando espaço para outros tons, como o azul e o roxo.



Figura 24: O azul ganha destaque no período crítico das manifestações – site da presidência



Figura 25: Outro tom que ganha visibilidade é o roxo – site G1



Figura 26: A neutralidade do bege também é percebida como escolha da presidente – site da presidência

Neste momento, é visível a pressão dos opositores em liderar constantes manifestações de cunho visivelmente político e a transposição de mensagens reativas da presidente aos acontecimentos pelo uso das cores. Com a duplicidade de aparição dos tons de azul e roxo, a presidente claramente escolhe peças com significância de harmonia e maturidade, além de prosperidade e respeito, acentuando a posição para a população em um momento apontado como crítico para a governança do país.

4.7. Sob medida

“O verde absoluto é a cor mais tranquila que existe: ela não se move em direção alguma e não se faz acompanhar por qualquer tom de alegria, tristeza ou paixão; nada exige ou evoca. Essa ausência constante de movimento é uma característica que atua de forma positiva sobre as pessoas e os espíritos que estão cansados; mas, depois de algum tempo, todo esse sossego vai se tornando monótono...” (HELLER, 2013, p.120). Em conexão com este significado, a presidente Dilma Rousseff aparece no dia 8 de março de 2015, em rede nacional para o pronunciamento sobre o ajuste fiscal, com vestes verdes.

O contexto político-econômico do Brasil apresenta um cenário de insegurança, clima de tensão e visíveis sinais de inquietude. Para tal, com a escolha das vestes verdes, a presidente procura emitir uma mensagem de pedido de equilíbrio, positividade e a tentativa de tranquilizar os ânimos, que estão exaltados.

No quinto ano de mandato, a presidente enfrenta a oposição declarada, neste momento, inclusive de pessoas que a elegeram. As vestes complementam a oralidade de discurso, que pode ser sintetizado com um pedido de calma.

“É uma boa hora para que eu tenha uma conversa mais calma e mais íntima, com cada família brasileira – e faça isso com a alma de uma mulher que ama seu povo, ama seu país e ama sua família.”

E encerra reafirmando com convicção:

“Pois, se toda vez que enfrentarmos uma dificuldade pensarmos que o mundo está acabando – ou que precisamos começar tudo do zero – só faremos aumentar nossos problemas. Precisamos transformar dificuldades em soluções. Problemas temporários em avanços permanentes. O Brasil é maior do que tudo isso e já mostrou muitas vezes ao mundo como fazer melhor e diferente. Mais que nunca é hora de acreditar em nosso futuro. De sonhar. De ter fé e esperança.”

O sétimo panorama analisado apresentou cinco postagens, das quais apenas em uma a presidente vestiu verde. As outras são tons de azul, que passam de tons próximos ao verde, até chegar ao azul bem claro. É perceptível a ausência do tom vermelho neste momento de crise. A escolha sugere que a presidente quer afastar a ideia de negatividade, de o Brasil estar no vermelho e tem a intenção de colocar o país no azul, como as conhecidas expressões econômicas.



Figura 27: Do verde ao azul claro foram as escolhas para o período do ajuste fiscal – site da presidência e G1

A cor azul, por vezes é apontada como contrária às intenções do verde. Segundo HELLER (2013, p. 117), o verde é a cor da burguesia, o azul dos trabalhadores. Ao considerar este conceito, temos no pronunciamento um diálogo direto com os principais opositores. E no contexto seguinte, a mensagem claramente direcionada aos aliados.

Nos dias seguintes ao pronunciamento, ao escolher várias nuances de azul, ela opta por direcionar as ações para quem considera a principal força e para quem ela afirma governar. Ela tenta construir por as vestes, a ideia de uma mulher independente de um segmento, exaltar as virtudes intelectuais como mulher, que age por os princípios, que mesmo frente às dificuldades, continua atuando; deseja ainda mostrar a força em cada nova decisão.

Consequentemente há a negação do vermelho, que afasta qualquer vínculo com o partido dos trabalhadores, a base, o berço, pelo menos neste

momento. Ela quer se apresentar como uma ‘mãe’, que vai cuidar da situação adversa e para tanto acredita que a cor azul evidencia a simpatia, a harmonização do cenário. Mas a fidelidade tão clara no uso desta cor pode ser questionada, ao de certa forma renegar a base que a criou na política. O antagonismo da situação mostra como o ator pode falsear; pode comunicar; construir o diálogo que deseja.



Figura 28: A neutralidade do preto também é destaque durante o ajuste fiscal – site da presidência

O discurso pela indumentária, ainda neste contexto, apresenta atipicidades, como a presença da manga longa e da manga curta. A manga longa aparece com o intuito de emitir uma mensagem de recato e formalidade e a manga curta em descontração e informalidade. Vale ressaltar o contexto de cada uso: a manga longa aparece no pronunciamento do ajuste fiscal e a manga curta na visita às áreas atingidas por enchentes no norte do país.

Nas outras imagens é perceptível a presidente continuar usando formas retas, o uso de calça preta combinada à outra cor, das mangas três-quartos, Oxford como tecido, acessórios discretos no tom de dourado. A simplicidade veio a favor e demonstra a ânsia por solução.

E bem próximo aos outros contextos, não se percebe a presença do vermelho no último tópico analisado. Pode-se ver que a presidente continua não desejando confronto com a população e prefere não emitir ideais

partidários, mas apresenta um contexto de individualização de as vontades frente ao partido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho realizou uma análise de como a roupa se articula como meio de comunicação, sem utilizar as palavras. A reflexão se concentrou na problemática da participação da presidente Dilma Rousseff, observando a escolha de as vestes para a construção de um diálogo e a concretização da comunicação dentro de recortes sociais.

Nesse processo, acompanhamos como a presidente se comportou em cada um dos sete contextos que podem ser apontados como relevantes na constituição do governo. Para fazer esta análise de comunicação pelas vestes, foram selecionadas 29 imagens entre 1º de janeiro de 2011 e 08 de março de 2015, que compõem a amostra deste estudo.

Dentro do trabalho abarcam-se conceitos que afastam a ideia de que a escolha de cada parte da constituição da indumentária está arraigada na superficialidade. Pauta-se o estudo em conceitos filosóficos e sociológicos, que explicitam a importância da roupa como reflexo das transformações da sociedade e do indivíduo e, por consequência, constroem uma comunicação. Para que fosse possível apreender estas conexões como uma ocorrência dentro da formação do indivíduo e as respostas aos estímulos como um dos agentes das escolhas, foram apresentados autores, conceitos e a formulação de um método que permitisse um exame deste assunto.

Ainda dentro do estudo conseguiu-se traçar um paralelo entre a escolha da roupa e a política, na qual se constata a verdadeira correlação no desenvolvimento de aspectos que ressaltam a possibilidade do individual e do coletivo. Ao definir os aspectos de roupa e política, consegue-se ainda apontar que a vida, inclusive dentro dos ritos sociais, exerce uma relação coercitiva nas escolhas dentro de cada um dos panoramas.

Um ponto comum dentro destes temas é a delimitação de identidade e de condensação das revelações diárias, da conversão de códigos e comunicação pelas visualidades. Ressalta-se que estas delimitações são possíveis pelos resultados das vivências do objeto de estudo: as experiências

da presidente Dilma Rousseff, como suas ideias, conceitos, modo de viver e vestir aparecem frente aos estímulos dos recortes contextuais.

Assim, ter uma identidade determinada pressupõe que o indivíduo pertence a um grupo ou tem uma localização determinada em cada momento, mas de forma flexível e que não inviabiliza a individualidade dentro do coletivo. Na observação da presidente foi possível constatar que as escolhas não sofrem muitas alterações, mesmo em momentos de grande impacto ao governo. Este comportamento é a forma mais concreta de se comunicar com o mundo, e no caso deste estudo foi possível ver a força comunicadora da roupa em cada contexto, ora se apresentando de forma reativa, ora de forma proativa.

A partir dos resultados obtidos, um dos aspectos que mais apresentou significado dentro das análises foi a escolha das cores como agente do rito social. A cor é o item que mais marca o primeiro contato, podendo estimular, angustiar, atrair ou mesmo afastar.

Reconhece-se, dentro da pesquisa, que a função da roupa é permitir que o indivíduo, neste caso a presidente, se coloque dentro de todas as possibilidades de representação social com as diversas molduras, a partir do sistema de classificação e as formas como elas se atualizam. Cada escolha e alteração resultam na forma como se processa as interações sociais, com sua exterioridade, na comunicação e na linguagem, na aparência, nos papéis sociais, no jogo, no rito e na dramatização e assimilação do cotidiano.

Assim, ao analisarmos todos os aspectos que influenciam na construção de uma identidade e de reconhecimento do grupo, pode-se concluir que as escolhas das vestes da presidente Dilma Rousseff são agentes na comunicação com os outros, expondo as mensagens de forma clara e sem grandes interferências. Inclusive o ato de repetir as peças, a modelagem das peças e a ausência ou presença de determinados acessórios ou cores em alguns períodos, são formas explícitas de que as mensagens são intencionais e tem como consequência a formação de imagem política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Temas de filosofia**. São Paulo: moderna, 2005.

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BELMAÑA, Macarena. **La construcción de la imagen del poder a través del vestuário: Cristina Fernández de Kirchner**. Monografia de graduação. Universidad de Palermo, Argentina, 2012.

BERGAMO, Alexandre. “**O campo da Moda**” **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v.41, 2,1998, pp.137-180.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1986.

DORFLES, Gillo. **Psicologia do vestir**. 3. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Lisboa: Presença, 1995.

ECO, Umberto. **O hábito fala pelo monge**. In: **Psicologia do vestir**. 3ª. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

ELLWOOD, Iain. **O livro essencial das marcas**. São Paulo: Editora Clio, 2004.

EMBACHER, Airton. **Moda e Identidade**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000

FISCHER-MIRKIN, Toby. **O código do vestir: os significados ocultos da roupa feminina**. Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

JONES, Jenkyn Sue. **Fashion Design: Manual do estilista**. São Paulo: Ed. Cosak Naify, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____; ROUX, Elyette. **O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LURIE, Alison. **A Linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

MAFESSOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/> >. Acesso em: 10 jul. 2015.

MONEYRON, Frédéric. **A moda e seus desafios**. São Paulo: Senac, 2007.

MORATORI, Deborah Marques Lopes. **O hábito fala pelo monge**. Monografia graduação. UFJF, 2002.

O'HARA, Georgina. **Enciclopédia da moda: de 1840 à década de 80**. [Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho]. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PALOMINO, Erika. **A moda**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SABINO, Marco. **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2007.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado espetáculo**. Rio de Janeiro e São Paulo: DIFEL, 1978.

SORCINELLI, Paolo. **Estudar a moda**. São Paulo: Senac, 2008.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. [Tomaz Tadeu da Silva]. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.